

Prevenir e gerir situações de *bullying*: Estudo de caso numa escola em Sintra

Inês Costa Oliveira

Mestrado em Administração Escolar

Orientador:

Doutor João Sebastião, Professor Associado  
ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa

Setembro, 2023

Departamento de Ciência Política e Políticas Públicas

Prevenir e gerir situações de *bullying*: Estudo de caso numa escola em Sintra

Inês Costa Oliveira

Mestrado em Administração Escolar

Orientador:  
Doutor João Sebastião, Professor Associado  
ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa

Setembro, 2023

## **Agradecimentos**

Estudar Administração Escolar foi um desafio a que me propus com o objetivo de adquirir ferramentas que me permitissem fomentar a mudança dentro das escolas e por esse motivo agradeço à equipa docente do Mestrado pela respetiva capacitação.

Consciente de que a implementação de mudanças requer um ponto de partida, decidi elaborar a presente dissertação sobre um tema que considero especialmente importante.

Por essa razão, elaborei este documento assumindo a responsabilidade acrescida de que este poderia ser um impute para uma mudança nesta escola.

Manifestando tal responsabilidade dediquei-me, foquei-me e procurei ultrapassar dúvidas, dificuldades e constrangimentos. Posto isto, preciso de agradecer na pessoa do professor João Sebastião a sua orientação, apoio e partilha de conhecimento.

Agradeço ao Diretor do Agrupamento a sua confiança e presença constante. Assim como, aos Diretores de Turma que se disponibilizaram a participar na recolha de dados, ansiando, tal como eu, uma mudança.

Agradeço à minha família e amigos o incentivo e apoio.

Dedico esta dissertação a todos os alunos que não se sentem seguros na escola e reafirmo que existe uma comunidade de profissionais empenhados e preocupados com o vosso bem-estar.

Encerro com esperança de que este estudo possa também contribuir academicamente para a comunidade científica.



## Resumo

No âmbito desta dissertação em Administração Escolar, foi conduzido um estudo de caso acerca do *bullying* escolar numa instituição de ensino situada em Sintra. Através de uma revisão bibliográfica foi elaborado um enquadramento teórico que explicita o conceito de *bullying*, incluindo estudos internacionais e portugueses. Também neste capítulo é mencionado o papel das lideranças escolares na gestão deste fenómeno social, relacionando o direito à educação com o impacto das situações de *bullying* nos alunos.

O estudo de caso levado a cabo teve como objetivos caracterizar as situações de *bullying* existentes na escola do ponto de vista dos alunos e da equipa docente, assim como, caracterizar as perceções dos diretores de turma e da liderança escolar sobre os mecanismos de resposta existentes.

Para tal foi aplicado um inquérito *online* aos alunos e entrevistas semiestruturadas aos docentes. Os dados revelam que 45% dos alunos são vítimas de agressões sistemáticas durante alguns dias a alguns meses. Estas agressões são incitadas frequentemente por estudantes do sexo feminino e principalmente no espaço exterior durante o intervalo. Os dados caracterizam os principais impactos sentidos nos agressores e nas vítimas. Os alunos revelam sentir alguma insegurança na escola, apesar de considerarem que a escola tende a dar atenção às situações de violência existentes.

Verificou-se igualmente que existem diferenças de perspetivas entre os diretores de turma e a liderança escolar quando se fala do número de ocorrências e da respetiva gravidade. Apesar disso, no geral, toda a equipa educativa considera que a escola dá atenção ao *bullying* através de projetos e iniciativas.

Palavras-chave: *bullying* escolar; liderança escolar; políticas de prevenção e gestão.



## **Abstract**

As part of this dissertation in School Administration, a case study was conducted on school bullying in an educational institution located in Sintra. Through a literature review, a theoretical framework was drawn up that explains the concept of bullying, including international and Portuguese studies. This chapter also explains the role of school leaders in managing this social phenomenon, linking the right to education with the impact of bullying on pupils.

The objectives of the case study were to characterize the existing bullying situations from the point of view of the students and the teaching staff, as well as to characterize the perceptions of the head teachers and the school leadership about the existing response mechanisms.

To this end, an online survey was administered to students and semi-structured interviews were conducted with teachers. The data shows that 45% of students are victims of systematic aggression for a few days to a few months. These assaults are carried out by female students and mainly outside during break times. The data also shows the main impacts felt by both the aggressors and the victims. The students reveal that they feel insecure at school, although they feel that the school tends to pay attention to existing situations of violence.

There are differences of perspective between head teachers and school leadership when it comes to the number of incidents and their seriousness. Despite this, in general, the entire educational team believes that the school pays attention to the issue of bullying through projects and initiatives.

**Keywords:** school bullying; school leadership; prevention and management policies.

## Índice Geral

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>1</b>
<b>CAPÍTULO I</b> .....	<b>3</b>
<b>ESTADO DA ARTE</b> .....	<b>3</b>
<b>1. O QUE É O <i>BULLYING</i> ESCOLAR?</b> .....	<b>3</b>
1.1. DEFINIÇÃO DO CONCEITO DE <i>BULLYING</i> .....	5
1.2. VERTENTES DO <i>BULLYING</i> .....	5
1.3. PAPÉIS E RESPETIVOS PERFIS.....	6
1.4. PREDITORES.....	7
1.5. CONSEQUÊNCIAS E NECESSIDADE DE PREVENÇÃO.....	8
<b>2. ENQUADRAMENTO INTERNACIONAL E O CASO PORTUGUÊS</b> .....	<b>9</b>
2.1. ESTUDOS INTERNACIONAIS.....	9
2.2. ESTUDOS PORTUGUESES.....	10
<b>3. PREVENÇÃO E INTERVENÇÃO DO <i>BULLYING</i> EM MEIO ESCOLAR</b> .....	<b>13</b>
3.1. AS POLÍTICAS DE SEGURANÇA ESCOLAR: <i>BULLYING</i> VERSUS DIREITO À EDUCAÇÃO.....	13
3.2. O PAPEL DA ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR.....	15
<b>CAPÍTULO II</b> .....	<b>20</b>
<b>ESTRATÉGIA METODOLÓGICA</b> .....	<b>20</b>
<b>CAPÍTULO III</b> .....	<b>22</b>
<b>APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS</b> .....	<b>22</b>
3.1. CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA.....	22
3.2. PERCEÇÃO DOS ALUNOS.....	23
3.3. PERCEÇÕES DOS DOCENTES (DIRETORES DE TURMA E COORDENAÇÃO).....	27
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>31</b>
<b>RECOMENDAÇÕES</b> .....	<b>34</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>36</b>
<b>LEGISLAÇÃO</b> .....	<b>38</b>
<b>ANEXO A – INQUÉRITO AOS ALUNOS</b> .....	<b>40</b>
<b>ANEXO B – GUIÃO DAS ENTREVISTAS</b> .....	<b>47</b>
<b>ANEXO C – RESPOSTAS À ENTREVISTA</b> .....	<b>50</b>
<b>ANEXO C – ANÁLISE CATEGORIAL DAS ENTREVISTAS</b> .....	<b>67</b>



## Índice de Quadros

<b>QUADRO 1</b> PREDITORES DAS SITUAÇÕES DE BULLYING .....	7
<b>QUADRO 2</b> CONSEQUÊNCIAS E EFEITOS DAS SITUAÇÕES DE BULLYING .....	8
<b>QUADRO 3</b> DADOS DOS RELATÓRIOS DO OBSERVATÓRIO NACIONAL DE BULLYING.....	11
<b>QUADRO 4</b> IDENTIFICAÇÃO DOS COMPORTAMENTOS SENTIDOS, GERADOS E OBSERVADOS .....	23
<b>QUADRO 5</b> FREQUÊNCIA DAS OCORRÊNCIAS DE VIOLÊNCIA .....	24
<b>QUADRO 6</b> AÇÕES LEVADAS A CABO PELOS OBSERVADORES .....	25
<b>QUADRO 7</b> COMPARAÇÃO DO IMPACTO DAS SITUAÇÕES DE VIOLÊNCIA NAS VÍTIMAS E NOS AGRESSORES .....	26
<b>QUADRO 8</b> COMPARAÇÃO DO NÚMERO DE SINTOMAS SENTIDOS ENTRE AS VÍTIMAS E OS AGRESSORES .....	26



## Introdução

A escola é considerada um espaço privilegiado de contacto social, constituindo-se num ambiente propício ao relacionamento das crianças e dos jovens. No entanto, a escola é também palco de conflitos, tensões e situações de violência escolar. A mediatização sobre este tema tem vindo a aumentar tal com a preocupação das equipas educativas e das famílias em relação ao clima de insegurança e ao comprometimento do desenvolvimento físico, social e emocional dos alunos.

O fenómeno do *bullying* surge entre pares quando um aluno é exposto de forma intencional a ações negativas de forma sistemática, existindo entre si uma relação de poder desequilibrada.

A investigação acerca deste tema tem permitido um avanço social através da atualização do conceito, assim como das características das ocorrências, quer a nível internacional como em Portugal.

Os estudos acerca do *bullying* começaram em 1970 com Dan Olweus e hoje são vários os investigadores que se debruçam sobre este tema. Os estudos internacionais e portugueses têm vindo a demonstrar que as situações de *bullying* continuam a existir de forma sistemática, emergindo outra forma de agressão designada de *cyberbullying*.

Uma vez que o *bullying* é um fenómeno social que se manifesta nas escolas, cabe às lideranças escolares criarem linhas de prevenção e de ação para gerir as ocorrências existentes ou que possam vir a existir. Como se sabe, há impacto nos alunos que influencia a sua saúde mental e as suas aprendizagens e, por conseguinte, as situações de *bullying* entram em confronto com o direito que os alunos têm à educação.

Posto isto, foi elaborado um estudo que pretendeu caracterizar as situações existentes numa escola do Concelho de Sintra, assim como, caracterizar as perceções da liderança escolar e dos diretores de turma sobre a prevenção e gestão destas ocorrências. Deste modo, os objetivos deste estudo passam por caracterizar as situações de *bullying* nesta escola, caracterizar o respetivo impacto na saúde mental dos alunos e na sua perceção quanto à segurança da escola, caracterizar as perceções dos docentes acerca do *bullying* e identificar os mecanismos existentes para prevenir e gerir estas situações. Por conseguinte, foi elaborado um estudo de caso através da aplicação de um inquérito *online* aos alunos e através da concretização de entrevistas semiestruturadas aos diretores de turma e à liderança escolar.

O documento encontra-se estruturado em diferentes frações articuladas entre si. Ao longo dos capítulos é feito um enquadramento teórico, são explicitados os procedimentos metodológicos que conduziram a investigação e são apresentados e analisados os dados recolhidos.



## Capítulo I

### Estado da Arte

“A violência em contexto escolar tem-se vindo a assumir como um fenómeno cada vez mais frequente, preocupante e cuja crescente visibilidade o tornam num objecto de estudo privilegiado.” (Seixas, 2010: 121)

O tema da violência nas escolas é, atualmente, objeto de debate político e educativo tanto a nível nacional como internacional. Uma das ideias expressas é que esta violência “resulta de uma degradação civilizacional e que as novas gerações são incivilizadas” (Sebastião et al., s.d: 3). Também Bansel et al., (2009), reiteram esta ideia afirmando que a tendência é conceptualizar o problema da violência, tal como o *bullying*, como patologias individuais e familiares, ignorando então a perspetiva sociológica. De acordo com os investigadores, esta ideia é fomentada pelo foco que se dá a casos isolados pela comunicação social. Desta forma, está a ser constituída a ideia de que as escolas não são espaços seguros. Ideia esta que é refutada pelas investigações científicas.

Na perspetiva destes autores a violência escolar, no qual o *bullying* é uma forma de expressão, é um fenómeno restrito cujos incidentes graves são pouco frequentes.

Estes ocorrem nos quotidianos sobretudo sobre a forma de microviolência, pequenas vitimações e incivilidades ( . . . ) Nesse sentido podemos afirmar que a relevância social do fenómeno é que é recente” (Sebastião et al., s.d. p. 3)

#### 1. O que é o *Bullying* Escolar?

O *Bullying* é um fenómeno que começou a ser estudado por Dan Olweus em 1970, na Escandinávia, e, posteriormente, em outros países (Olweus, 1994; 1997). O conceito de *Bullying* surge da necessidade de descrever esta forma específica de violência entre alunos no meio escolar (Carvalhosa, 2010; Matos, Simões & Gaspar, 2010).

Além das agressões físicas, o *bullying* é um dos tipos de violência mais comuns nas escolas europeias.

De uma forma sucinta, a disseminação do conhecimento científico sobre este tema decorreu em quatro fases distintas ainda que interligadas entre si (Smith, 2013). Inicialmente, Dan Olweus começou por procurar conhecer este fenómeno e implementou, ainda na Escandinávia, o seu primeiro Projeto de Intervenção. Posteriormente, alguns investigadores de outros países começaram a produzir literatura sobre o tema e foi nesta fase que foi aprofundado e esclarecido o próprio conceito e as suas respetivas características. Mais tarde,

estrearam as conferências internacionais e mais recentemente passou-se a reconhecer a existência de uma nova forma de *bullying* – o *Cyberbullying*.

O desenvolvimento físico e socioemocional é bastante rápido a partir da adolescência “dando origem a novas e mais intensas formas de relacionamento, das quais as mais significativas são a afirmação do desejo de autonomia, o aparecimento de formas de amizade mais amplas e diversas” (Sebastião, 2010: 10). Segundo o autor, durante este período os adolescentes acabam por passar por um desenvolvimento marcado por conflitos que contribui, efetivamente, para a “sua progressiva maturidade individual e colectiva” (p.10). Ao encontrarem-se na escola durante o dia, os alunos partilham o seu dia-a-dia no mesmo espaço durante bastante tempo. Por esse motivo, inevitavelmente “os diversos tipos de agressividade e violência sobrepõem-se” (p: 11) dando origem a ocorrências de violência entre si. O autor afirma que os diretores tendem a classificar estes episódios como violência na escola, “ignorando assim o facto de que esses acontecimentos resultam de situações e fatores relacionados diversos” (p. 11).

Sebastião et al., (s.d) perspetiva a violência “enquanto forma de ação contingente, que se produz num contexto relacional concreto, mas com quadros de possibilidades diversos” (p.3). Isto é, a violência em meio escolar pode ser manifestada de diversas formas e de acordo com as ações adotadas pelos agrupamentos no que diz respeito à prevenção (ou a sua ausência) das situações de violência. Inevitavelmente ocorrerão situações de agressão, violência, no entanto, a sua quantidade dependerá destes processos levados a cabo pelas administrações escolares.

Assim sendo, apesar de se esperarem incidentes de violência entre pares, o *bullying* é um problema que se tem vindo a intensificar nas últimas décadas assumindo novos contornos na contemporaneidade (Alves, 2016). Nessa sequência, o investigador alerta para a mediatização das questões educativas sobre esta temática, assinalando a existência “de uma clara descoincidência entre os discursos públicos e os resultados [das investigações]” (p: 598). Segundo o mesmo, a mediatização sugere que o *bullying* tem uma dimensão “alarmante e extremamente preocupante” apesar dos resultados das pesquisas indicarem que a sua presença é “moderada e raramente configurando situações de extrema gravidade” (p: 598).

De acordo com Seixas (2010) a crescente “pertinência, importância e curiosidade” (p. 121) que o fenómeno *bullying* tem suscitado, deve-se tanto à “elevada percentagem de alunos envolvidos”, como ao facto de ser um “fenómeno universal” (p. 121), uma vez que, é observado em diferentes países. Por outro lado, a autora atribui também importância “às implicações ao nível biopsicossocial decorrentes da vivência de episódios de *bullying*” (p. 121).

## 1.1. Definição do conceito de Bullying

Ao longo das últimas décadas vários investigadores procuraram definir o conceito de *bullying* existindo um consenso entre si.

Uma situação de *bullying* surge quando um aluno é exposto intencionalmente a ações negativas e de forma repetida no tempo (Olweus, 1994; 1997; Matos, Simões & Gaspar, 2010). Entende-se por ações negativas contactos físicos, discursos, gestos obscenos ou exclusão de outro com o objetivo de provocar medo, angústia e danos (Olweus, 1994; 1997; Swain 2006), ou seja, o objetivo é fazer mal, magoar e ganhar controlo (Zequinão et al., 2016). No geral, as situações de *bullying* não são precedidas de uma provocação (Zequinão et al., 2016; Matos e Gonçalves, 2009; Swain, 1998).

O *bullying* é, então, um comportamento agressivo repetitivo e sistemático, sendo interpessoal e tendo expressão através das ações mencionadas (Carvalhosa, 2010). Vários autores, tais como Smith (2013) e Matos e Gonçalves (2009) destacam a existência de uma relação de poder desequilibrada entre o alvo e o *bully*, que de acordo com Seixas (2010) se deve a diferentes fatores, tais como, a idade, o tamanho, a força física, o estatuto social no seio do grupo, pelo conhecimento das fragilidades do outro e por fim, devido ao suporte e apoio dos outros pares.

As ações de *bullying* entre pares diferem de outros tipos de violência existentes na escola devido à sua intencionalidade, repetição ao longo do tempo e desequilíbrio de poder.

## 1.2. Vertentes do Bullying

A violência, na sua globalidade, pode ser reativa ou proativa. Enquanto a reatividade tem como principal intenção ferir um alvo em resposta a uma provocação ou devido à falta de autorregulação emocional, a intencionalidade proativa ocorre na ausência de uma provocação e têm-se em vista um “objetivo social” (Sebastião et al., s.d).

Considerando as diferentes formas de agressão é feita uma distinção entre *bullying* direto e indireto (Macedo et al., 2014; Zequinão et al., 2016; Carvalhosa, 2010), existindo autores como Matos, Simões e Gaspar (2010) que acrescentam o *bullying* psicológico.

De acordo com estes autores, as ações ligadas ao *bullying* direto são **físicas**, como bater, empurrar, pontapear, **sexuais** como por exemplo tocar em partes do corpo sem consentimento e **verbais ou psicológicas**, as mais dissimuladas, que passam por chamar nomes, ameaçar, gozar, ser insultuoso, entre outros. Por outras palavras, o *bullying* direto relaciona-se com os ataques abertos às vítimas. Por outro lado, o *bullying* indireto, passa pelo

isolamento social/exclusão e desprezo, cujas ações visam “manchar a reputação da criança-alvo” (Seixas, 2010 :123).

As vertentes acima explicitadas estão frequentemente ligadas ao gênero das vítimas e dos agressores, ou seja, ambos os gêneros tendem a expressar as agressões de forma distintas. De acordo com Matos, Simões e Gaspar (2010) os rapazes costumam apresentar comportamentos agressivos mais abertos e antissociais, ao contrário das raparigas que costumam recorrer à manipulação social.

### **1.3. Papéis e respetivos perfis**

Mais uma vez existe consenso por parte dos investigadores quanto à existência de vários e diferentes papéis nas situações de *bullying*. Em conformidade com os autores mencionados ao longo do texto existem três principais papéis: o agressor, o alvo e os observadores. Dan Olweus (2003) distingue e acrescenta outros papéis, nomeadamente, *disengaged onlookers, defenders of the victim, possible bully, passive supporters e followers*<sup>1</sup>.

Sobre os agressores, é frequente ler-se sobre a distinção de *bullies* passivos que tendem a participar, mas sem demonstrar iniciativa e *bullies* típicos que revelam iniciativa através de comportamentos violentos (Carvalhosa, 2010).

Nesta sequência também há autores como Olweus (1994; 1997) e Matos, Simões e Gaspar (2010) que diferenciam os perfis das vítimas. De acordo com os autores, distinguem-se as vítimas passivas que apresentam comportamentos de submissão e de não assertividade sendo por isso considerados alvos fáceis uma vez que não costumam retaliar e distinguem também as vítimas agressivas que tendem a reagir com impulsividade e apresentam falta de competências sociais.

Face ao exposto, os agressores geralmente são alunos populares, com tendência a serem manipuladores, provocadores, pouco empáticos, reativos de forma agressiva e impulsiva. Apresentam também a necessidade de dominar e uma aparência física forte. Quanto às vítimas, estas têm tendência a serem alunos ansiosos, inseguros, cautelosos, sensíveis, com baixa autoestima e fraca confiança. Ao contrário dos agressores são menos populares e introvertidos (Olweus, 1994; Smith, 2013; Silva e Salles, 2010, Carvalhosa, 2020). Existindo este afastamento social, as vítimas costumam considerar a escola um espaço desagradável. De acordo com os autores acima mencionados, quando alvos, as vítimas costumam optar por uma ou mais das seguintes estratégias: (i) não contar a ninguém; (ii) ignorar; (iii) evitar ou afastar; (iv) chorar; e/ou (v) fazer novos amigos.

---

<sup>1</sup> Trad.: observadores distantes, defensores da vítima, possíveis agressores, apoiantes passivos, seguidores de agressores;



A amizade, é considerada por Seixas (2010), como um elemento fundamental de proteção das vítimas, visto que se assume como “um contexto para aprendizagem de competências sociais, como uma fonte informativa para a autoestima e o autoconhecimento” (p. 125-126). As vítimas deixam de estar sozinhas com tanta frequência e os agressores podem reçar uma retaliação por parte destes pares.

#### 1.4. Preditores

Sem qualquer dúvida que é imprescindível identificar e caracterizar os preditores das situações de *bullying* para compreender não só o fenómeno, mas também para planear e implementar diferentes intervenções (Matos & Gonçalves, 2009).

Na sequência, vale a pena explicitar que vários autores categorizam os preditores em: fatores individuais, fatores familiares, fatores sociais e por fim, fatores escolares. Enumeram-se de seguida:

**Quadro 1**  
*Preditores das situações de bullying*

<b>Fatores</b>			
<b>Individuais</b>	<b>Familiares</b>	<b>Sociais</b>	<b>Escolares</b>
- Temperamento, isto é, estilos de personalidade e comportamentos interpessoais; (Carvalhosa, 2010; Olweus, 1994; Olweus, 1997);	- Falta de limites e desarmonia dos lares, isto é, permissividade; ou famílias demasiado protetoras;	- Atitudes para com as vítimas e agressores;	- Falta de políticas, mau clima e poucas estratégias; (Smith, 2013);
- Falta de amigos ou falta de amigos com estatuto; (Smith, 2013);	- Pouco envolvimento afetivo das famílias e falta de supervisão;	- Normas sociais; (Carvalhosa, 2010)	- Locais inseguros e pouco supervisionados; (Zequinão et al., 2016; Carvalhosa, 2010);
	- Baixo nível socioeconómico; (Zequinão et al., 2016);		- Falta de formação nos docentes e não docentes;
	- Violência doméstica;		- Alta rotatividade de professores;
	- Método educativo de poder e castigos físicos; (Carvalhosa, 2010)		- Violência física na escola;
	- Atitude emocional básica dos cuidadores primários para com a criança; (Olweus, 1994; Olweus, 1997);		- Contexto social. (Zequinão et al., 2016)

Fonte: Adaptação de Carvalhosa (2010); Matos e Gonçalves (2010); Smith (2013); Olweus (1994, 1997); Zequinão et al., (2016);

Assim, assume-se que as situações de *bullying* não são apenas incitadas pelas características de personalidade, nem pelos padrões de reação dos indivíduos, mas são igualmente relevantes os fatores ambientais que envolvem as crianças (Olweus, 1994, 1997). Observa-se também que os vários autores tendem a ter ideias distintas quanto aos preditores.

Além da identificação dos preditores é também importante conhecer e caracterizar os possíveis sinais apresentados pelas vítimas. Para tal Carvalhosa (2010) apresenta alguns exemplos de uma forma breve:

- No que diz respeito aos sinais emocionais destacam-se as alterações de humor, pesadelos e perturbações alimentares;
- Em relação aos sinais físicos, estes podem ser lesões, dores de cabeça e dores de barriga;
- Relativamente aos fatores sociais, deve-se prestar atenção à perda de confiança e rejeição dos amigos;
- E por fim, a nível comportamental é importante não relativizar as explosões de temperamento.

### 1.5. Consequências e necessidade de prevenção

Compreender o impacto das situações de *bullying* para o agressor, para a vítima e para a escola é perceber a necessidade de uma intervenção precoce e eficaz. Antes de mais, é importante consolidar a ideia de que os efeitos podem ser a curto, médio e longo prazo, tanto para os *bullies* como para os alvos, uma vez que, os efeitos são tanto para os oprimidos como para os que oprimem (Matos & Gonçalves, 2009). Além disso, há vários efeitos que são partilhados entre ambos os papéis.

**Quadro 2**  
*Consequências e efeitos das situações de bullying*

<b>Efeitos</b>	
<b>Vítimas e Agressores</b>	<b>Escola</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Problemas de saúde mental: isolamento, ansiedade, depressão, tristeza, perturbações do sono, perturbações mentais...</li> <li>- Problemas de saúde física: dor de cabeça, dores no corpo, vômitos...</li> <li>- Consumo de álcool, tabaco e drogas;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Problemas no desenvolvimento e manutenção de relações positivas;</li> <li>- Elevado nível de reprovação;</li> <li>- Clima escolar desagradável.</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Ideação de suicídio ou suicídio;</li> <li>- Alteração do desempenho escolar;</li> <li>- Desistência da escola.</li> </ul>	

Fonte: Olweus (1994); Ali e Shantnawi (2018); Zequinão et al., (2016); Matos & Gonçalves (2009)

Quando se fala em situações de *bullying* deve-se então considerar a sua forma de expressão, a respetiva intencionalidade, o(s) contexto(s) onde ocorreram os episódios e os intervenientes. Só a partir destes dados é que poderá ser concretizada uma intervenção com os recursos, as abordagens e o acompanhamento efetivamente mais adequado. Além de se

conhecerem bem as ocorrências é também necessário conhecer as ações estratégicas que têm vindo a resultar nos processos de resolução deste problema e para tal seguem-se os seguintes enquadramentos.

## **2. Enquadramento Internacional e o caso português**

A investigação internacional e portuguesa é necessariamente um dos pontos de partida para compreender o fenómeno do *bullying* nas escolas. Tal como Martins (2010) afirma, “é hoje reconhecido que o avanço social, no sentido mais amplo, está fortemente relacionado com a investigação científica pois esta é geradora de bens que nenhuma outra fonte poderá, alguma vez, produzir” (p:2). Posto isto, pretende-se através do presente enquadramento compreender não só a evolução do número de casos, como todas as respetivas características relevantes.

### **2.1. Estudos internacionais**

Dan Olweus, enquanto primeiro investigador do conceito de *bullying*, levou a cabo uma investigação entre 1980 e 1983 na Noruega. Os resultados deste estudo revelaram que 9 em cada 100 alunos era vítima de *bullying* sendo que 7% eram agressores, 1,6% vítimas-agressoras e a restante percentagem diz respeito às vítimas. Verificou-se que no caso das raparigas era mais frequente o *bullying* indireto e em contrapartida no caso dos rapazes era mais habitual o *bullying* direto.

Também Smith (2013) se debruça sobre este tema citando uma meta-análise que conta com 82 pesquisas em vários países sobre o tema do *bullying*. Os dados, revelam que, face à investigação acima mencionada, a taxa média de vítimas é mais elevada (23%) e o mesmo se observa em comparação com os agressores, dado que a taxa média de bullies é de 20%. Em relação às vítimas-agressoras, a taxa é de 8%, sendo um valor também considerado alto.

Estudos mais recentes como uma meta-análise que reúne dados de 2017/2018 e inclui amostras de 45 países diferentes, num total de 230 757 alunos, revela a prevalência de perpetração e vitimização do *bullying* com 34,5% e 36% respetivamente. Assim, a principal conclusão deste estudo passa por afirmar que o *bullying* continua a ser uma experiência que além de prevalecer é prejudicial para os jovens de todo o mundo - “*Bullying remains a prevalent and harmful experience for youth worldwide. Merely having supportive adults is not sufficient in protecting youth from experiencing the mental health risks associated with bullying*” (Kim et al., 2022).

## 2.2. Estudos portugueses

O Health Behaviour in School-aged Children (HBSC/OMS) é um estudo colaborativo da Organização Mundial de Saúde que procura investigar os estilos de vida e os comportamentos adotados pelos jovens. Portugal participou neste estudo pela primeira vez em 1998 continuando a participar de 4 em 4 anos. No que toca à violência escolar, este primeiro relatório de 1998, apesar de não referir o conceito de *bullying* já revela alguns dados sobre jovens “provadores” e provocados” no meio escolar. Já, em 2002 são recolhidos dados sobre estas provocações, cuja amostra foram alunos do 6.º, 8.º e 10.º de escolaridade. Estes dados revelam que 20,6% dos alunos estiveram envolvidos com regularidade em comportamentos de *bullying* ou provocação dentro da escola. Dessa percentagem 4,9% com duplo envolvimento, 6,3% como agressores e 9,4% como vítimas (Matos & Gaspar, 2009). Com base nos dados deste estudo as autoras concretizaram uma investigação concluindo que os alunos relataram ser provocados mais frequentemente através dos comportamentos chamar nomes, levantar boatos e piadas sexuais. Verificaram que o consumo de álcool, o porte de armas e a perceção de segurança na escola são comuns nos vários comportamentos de *bullying* exercido pelos agressores e sentido pelas vítimas. Observaram ainda, que quanto mais os alunos consideravam que a escola não era um meio seguro, mais relatavam serem vítimas. Quanto mais insatisfeitos os alunos estavam com a sua vida em geral, mais se sentiam provocados e por outro lado mais provocavam. Por fim, destaca-se que as autoras verificaram que efetivamente os principais contextos da vida dos alunos estão relacionados com o *bullying* através do seu impacto na satisfação com a escola e nos sintomas físicos e psicológicos.

Ainda em relação ao HBSC/OMS, este relatório, como já mencionado, apresenta dados sobre “provocar” e ser “provocado” na escola nos últimos dois meses e os dados revelam que:

- Em 2014, 38% dos alunos foi provocado assim como 30% provocou.
- Em 2018, 19% dos alunos foi provocado assim como 10% provocou.
- Em 2020, 36% dos alunos foi provocado assim como 31% provocou.
- E em 2022, 19% dos alunos foi provocado assim como 8% provocou.

Assim, com base nos dados apresentados pelos relatórios, as provocações têm vindo a diminuir nos últimos anos.

Já no que confere à investigação de Mendes (2010) concretizada numa escola em Lisboa com alunos do 5.º e 6.º ano, constatou-se que metade dos alunos foi vítima de *bullying*, 30% foi considerado um agressor e 90% foram observadores, sendo estes valores bastantes

elevados, mesmo quando comparados com as percentagens internacionais. Em relação às vertentes, foi mais comum o *bullying* indireto (35%) do que o direto (27%). Esta prevalência é idêntica aos resultados das investigações internacionais. Deste estudo é igualmente relevante destacar que os agressores são “colegas de turma” e “alunos mais velhos”, os motivos que conduzem às situações são “quero chamar a atenção”, “descontrolo e fico furioso” e “estou infeliz” e as atitudes das vítimas são principalmente “vou contra o agressor” e “não conto a ninguém”. Quanto aos observadores, os mesmos assumem que “não faço nada mas devia” e “chamo um adulto”.

Também a investigação levada a cabo por Zequinão et al., (2016) em duas escolas públicas com alunos dos 8 aos 16 anos revela dados interessantes. Os autores verificaram que o género feminino é alvo de mais situações de *bullying* (40%), sendo que existe também uma elevada percentagem de vítimas do género masculino (30%). No que diz respeito aos agressores, o número de casos é mais elevado no género masculino (32%), apesar de 25% dos *bullies* serem raparigas. Os dados revelam que os alvos são frequentemente vítimas de *bullying* indireto. Este estudo aborda também os locais onde decorrem as situações sendo mais comum nas salas, nos recreios e no ginásio. Por fim, destaca-se que 17% das vítimas não partilha com ninguém o que se sucede e 37% dos observadores fica indiferente.

Há ainda que considerar os relatórios do Observatório Nacional do *Bullying* (ObNB), cujo objetivo é “mapear o fenómeno *Bullying* em Portugal com base nas denúncias informais” (ObNB, 2020), não sendo por isso representativo da realidade.

### Quadro 3

Dados dos relatórios do Observatório Nacional de *Bullying*

	2020		2021		
<b>Total de denúncias</b>	407		82		
<b>Vítimas</b>	Feminino: 249	Masculino: 153	Feminino: 25	Masculino: 20	Sem info: 37
<b>Agressores</b>	Feminino: 134	Masculino: 211	Feminino: 15	Masculino: 19	Sem info: 48
<b>Média de idade</b>	Vítimas: 11 anos Agressores: 12 anos		Vítimas: 13 anos Agressores: 15 anos		
<b>Modo</b>	Presencial: 74,20% Online: 4,90% Ambos: 20,90%		Presencial: 57,30% Online: 4,90% Ambos: 37,80%		
<b>Vertentes</b>	Psicológica: 92,10% Social: 66,60% Física: 50,40% Sexual: 9,30% Financeira: 4,90%		Psicológica: 90,20% Social: 65,90% Física: 54,90% Sexual: 9,80% Financeira: 4,90%		
<b>Locais</b>	Recreio; dentro da sala; biblioteca/centro de recursos; polivalente; porta da sala; campo jogos; portão; casa de banho;		Recreio e pátio com maior ocorrência;		
<b>Motivos para a prática</b>	Aspeto físico: 51,80% Resultados académicos: 34,90% Idade: 16,50% Diversidade funcional: 13,30% Sexo: 12% Orientação sexual: 9,10%		Aspeto físico: 53,70% Resultados académicos: 48,80% Diversidade funcional: 24,40% Idade: 20,70% Sexo: 15,90% Orientação sexual: 7,30%		

	Nacionalidade: 4,90% Etnia: 4,90% Identidade de género: 4,20%	Identidade de género: 6,10% Nacionalidade: 6,10% Etnia: 1,20%
<b>Necessidade das vítimas</b>	Apoio psicológico: 45% Tratamento médico: 19,90% Risco de vida: 14,30% Hospitalização: 6,40%	Apoio psicológico: 45,10% Tratamento médico: 22% Risco de vida: 11% Hospitalização: 3,7%
<b>Impactos</b>	Dificuldades concentração: 32,20% Tristeza: 32,20% Dificuldade sono: 27,50% Ansiedade/Nervosismo: 27% Vergonha: 25,60% Dores de cabeça: 23,10%	Tristeza: 61% Ansiedade/Nervosismo: 58,50% Vergonha: 53,70% Dificuldade sono: 35,40% Dificuldades concentração: 34,10% Dores de cabeça: 26,90%

Fonte: Observatório Nacional do Bullying (2020; 2021)

Comparando os dados de 2020 e 2021, observa-se uma diminuição de denúncias que pode estar associada à situação pandémica vivida. Em comparação com as investigações internacionais e portuguesas acima mencionadas, o género feminino continua a prevalecer no que diz respeito às vítimas e o mesmo se verifica na prevalência do género masculino quando falamos em agressores. Além de se observar que a média de idades aumentou de 2020 para 2021, continua a verificar-se que os agressores são mais velhos do que as vítimas.

Relativamente às práticas levadas a cabo, o *bullying* presencial predomina apesar de se esperar que o número de casos de *Cyberbullying* aumentasse devido ao confinamento. As ações com mais ocorrências são ao nível psicológico, físico e social, cujos locais de prevalência continuam a ser as salas de aulas, os recreios e os ginásios, tal como Zequinão et al. (2016) concluíram também nas suas investigações.

O aspeto físico e os resultados académicos são dos principais motivos que conduzem às situações de *bullying*. Estes dados são diferentes das restantes investigações, demonstrando a necessidade de se diagnosticar sempre o contexto antes de qualquer intervenção.

Destaca-se ainda que as vítimas necessitaram de apoio psicológico, tratamento médico, existindo uma percentagem relativamente alta associada ao risco de vida e de hospitalização. Por fim, os principais efeitos nas vítimas são caracterizados por tristeza, ansiedade, vergonha, dificuldade de sono, problemas de concentração e dores de cabeça, sendo estas consequências observadas igualmente por Al-Ali e Shanttnawi (2018) e Zequinão et al. (2016).

### **3. Prevenção e intervenção do bullying em meio escolar**

#### **3.1. As políticas de segurança escolar: bullying versus direito à educação**

Foi a partir dos anos 90 que o fenómeno da violência escolar começou a ser observado pelos países europeus como um problema social e daí surgiram diversas respostas para lidar com esta situação. Portugal foi um dos países que começou a demonstrar preocupação com este problema e por conseguinte, começou por definir instrumentos políticos de prevenção e intervenção. As abordagens adotadas foram várias e por vezes divergentes quanto ao que se entendia acerca dos preditores desta violência e a respetiva atuação eficaz. A resposta dada pelos vários países partiu das investigações sobre o tema.

A atenção para esta violência foi fomentada pela “persistência das queixas das associações de pais e de professores, por um lado, e pela mediatização do fenómeno por outro” (Sebastião et al., 2013: 27).

Foi neste contexto que se efetivou, pela primeira vez em 1992, uma medida cujo objetivo foi controlar a violência nas escolas. Tratou-se de um protocolo interministerial entre o Ministério da Educação e o Ministério da Administração Interna, sem qualquer preocupação ao nível pedagógico, uma vez que se pretendia “colocar as autoridades escolares e as forças de segurança” nas escolas (Sebastião et al., 2013: 27), ou seja, uma ação policial. Posto isto, entende-se que a visão era a da violência como “fenómeno que pré-existe à escola” que resulta “sobretudo dos problemas existentes em zonas de periferia degradada, marginal ou de bairros sociais” (Sebastião et al., 2013: 27). Mais tarde, em 1976, surgiu o Programa Escola Segura, um acordo entre vários ministérios, que resulta do “reconhecimento da necessidade de incorporação de outras dimensões” nomeadamente pedagógica. Este programa tem como objetivo “reduzir ou erradicar as situações de violência e insegurança nas escolas e meio envolvente” (Sebastião et al., 2013: 28). Já em 2006, este programa foi reorganizado sob coordenação do Observatório de Segurança Escolar, pretendendo-se que se estudasse os fenómenos sobre a segurança nas escolas e simultaneamente que se fornecesse instrumentos e técnicas validados.

Além destas políticas e programas há também documentos que tendem a clarificar o que é ou não esperado acerca dos comportamentos nas escolas, assim como os procedimentos que devem ser levados a cabo. Um desses documentos passa pela lei n.º51/2012, nomeadamente, o Estatuto do Aluno e Ética Escolar que “estabelece os direitos e deveres do aluno”. Cabe então aos alunos o dever de “tratar com respeito ( . . . ) contribuir para a harmonia da convivência escolar ( . . . ) respeitar a integridade física e psicológica de todos os membros da comunidade educativa, não praticando quais atos, designadamente violentos”, princípios estes que quando ultrapassados vão ao encontro de ações ligadas à

violência e ao *bullying*. Neste documento encontram-se também explicitadas as medidas disciplinares que podem ser corretivas – advertência, saída da sala, realização de tarefas de integração na escola, condicionamento no acesso a alguns espaços, mudança de turma – e as medidas disciplinares sancionatórias que podem ser “repreensão registrada”, “suspensão até 3 dias úteis”, “a suspensão da escola entre 4 e 12 dias úteis”, “a transferência de escola” ou a “expulsão da escola”.

Outro documento orientador “enquanto instrumento normativo da autonomia da escola” artigo 48.º, é o Regulamento Interno. Este documento

prevê e garante as regras de convivência que assegurem o cumprimento dos objetivos do projeto educativo, a harmonia das relações interpessoais e a integração social, o pleno desenvolvimento físico, intelectual e cívico dos alunos, a preservação da segurança destes e do património da escola ( . . . )

Sintetizando, sabe-se que tendencialmente tem existido uma reflexão em torno do tema da violência nas escolas, no qual desenvolvem-se programas que objetivam prevenir, monitorizar e gerir este tipo de ocorrências. Além dos programas, como se observou, está também legislado um documento que clarifica o papel do aluno, nomeadamente, os seus direitos e deveres, bem como, os procedimentos e as medidas que devem ser tomadas em caso de incumprimento.

De acordo com a legislação, todas as crianças *têm direito à educação e à cultura* (Artigo 73.º - Diário da República) e nesta sequência cabe ao estado promover as condições para garantir que todos usufruam “do direito à igualdade de acesso e êxito escolar” (Artigo 74º - Diário da República). No entanto, e apesar das políticas públicas acima mencionadas, sabe-se agora que a violência escolar, nomeadamente, o *bullying*, entra diretamente em conflito com o direito à educação.

Relembra-se que as investigações têm dado conta que há relação entre a saúde mental dos alunos e as suas aprendizagens (Zequinão et al., 2017) sendo que foi também referido que a violência escolar está associada a um baixo rendimento académico. Assim pode-se inferir que a violência na escola contribui para a falta de aquisição das aprendizagens e consequentemente, um nível mais baixo de sucesso académico. Por outras palavras o *bullying* é um fator que tende a impossibilitar a escola de alcançar um dos seus objetivos mais importantes, o de promover um percurso escolar com sucesso.

Para terminar constatou-se que as situações de *bullying* são fortes interferências negativas no que diz respeito às referências institucionais, ou seja, “a escola enquanto espaço de aprendizagem, de vínculo e de proteção, não cumpriria prioritariamente o seu



papel” (Leme, 2009). Assim sendo e tal como mencionado acima, é essencial que a violência escolar seja um foco de atenção, reflexão e intervenção.

### **3.2. O papel da administração escolar**

Tendo por base a informação anterior, sabe-se que o *bullying* é um fenómeno social que tende a ser manifestado no meio escolar, através de diferentes ações, cujos preditores desencadeantes podem ser fatores externos, internos e externo-internos ao ambiente escolar. Apesar desta ambiguidade, os episódios ocorrem dentro da escola e por essa razão cabe à administração escolar gerir e minimizar o respetivo impacto. A investigação tem demonstrado a importância das características dos agrupamentos e do clima organizacional respetivo para a diminuição (ou produção) deste tipo de incidentes (Sebastião et al., 2013).

Ao longo deste subcapítulo pretende-se dar conta da relação entre o *bullying* e a escola, caracterizando igualmente o papel da gestão escolar.

Existindo já uma vaga ideia sobre o impacto do *bullying* nas escolas, torna-se agora importante explicitar o papel dos órgãos de governo na gestão destas situações. Efetivamente, são vários os autores que mencionam que cabe à direção compreender o fenómeno existente nas escolas que gerem, bem como, a definição de medidas de intervenção (Lourenço et al., 2009; Leme, 2009; Bocci, 2007). Estes autores, atribuem à gestão escolar a peça-chave embora considerem que não são o “único agente de interferência em todo o cenário escolar” (Bocci, 2007: 8). Leme (2009) considera necessária a intervenção por parte dos professores e dos assistentes operacionais dado que são estes os que testemunham frequentemente os incidentes.

A prevenção é considerada essencial por Sebastião et al., (s.d) quando o assunto é a violência nas escolas. De acordo com os investigadores, “a antecipação e prevenção das situações potencialmente problemáticas é um fator chave para a construção de um clima de escola seguro e pacífico” (p. 10). Para tal, é preciso que se diagnostique o problema de forma a identificar o foco da intervenção e as necessidades reais da intervenção. É no sentido de evitar o efeito surpresa e a resposta pouco refletida que se deve definir um programa de prevenção baseado no diagnóstico – “os exercícios de reflexão e prevenção que permitem elaborar previamente estratégias e procedimentos de intervenção levam a que a escola não se torne refém dos acontecimentos ( . . . ) permitindo encarar os factos com maior racionalidade” (p. 11).

Tendo a violência se tornado num problema crescente é necessária a adoção de políticas claras nas escolas visando a delineação de uma intervenção (Matos, Simões e Gaspar, 2010; Sebastião et al., 2013). Ora, em primeiro lugar, é indispensável identificar o

problema, ou seja, reconhecer a sua existência, sendo necessário para tal a criação de um clima onde se possa discutir abertamente. Posteriormente, toda a comunidade educativa deve ser incluída na definição de políticas e ações que tendem como objetivo a minimização do *bullying*. Estas linhas de ações estratégicas devem passar pela intervenção com os alunos, com as famílias, com o projeto educativo e outros regulamentos e com a própria pedagogia da escola.

No que confere à intervenção com os alunos, autores como Al-Ali e Sjattnawi (2018), Smith (2013) e Matos, Simões e Gaspar (2010), destacam o apoio a prestar tanto às vítimas como aos agressores e a avaliação da necessidade de se disponibilizarem ou não cuidados médicos. Por conseguinte, se preciso, deve-se oferecer apoio psicológico e articular com a escola segura. Ainda na perspetiva destes autores, a detenção deverá ser substituída pela mediação e se necessário a retirada de privilégios. Poderá ser também interessante o uso de simulações como por exemplo KiVa KouLu.

Tornou-se então necessário que os próprios documentos de regulação da instituição, como o projeto educativo e o regulamento interno, contenham algumas palavras sobre estes desafios. Na perspetiva de Leme (2009), estes documentos devem dar orientações que, no entanto, devem afastar as punições que implicam as suspensões ou as transferências de estabelecimento à exceção de situações que coloquem risco à integridade física dos alunos. Sebastião et al., (2013) corroboram afirmando que as medidas de suspensão “são repetidamente usadas para libertar a escola dos alunos identificados” (p.20), no entanto, consideram os autores que “a maioria dos alunos suspensos da escola esteve envolvida em atos que não poderão ser considerados violentos ou criminosos” (p.20). Estas medidas sancionárias tendem a ser ineficazes e com impactos negativos para os alunos, uma vez que pode levar ao agravamento, reforçar o absentismo e os comportamentos desajustados.

Al-Ali e Sjattnawi (2018) defendem a promoção de uma cultura de paz e de tolerância zero ao assédio cujas orientações devem constar nestes documentos. Matos, Simões e Gaspar (2010) referem que estes programas devem promover a inclusão social, o acesso a espaços alternativos, protegidos e o desenvolvimento de materiais. Ainda sobre estes documentos, Simões (2010) refere que devem contar diversos domínios, particularmente, abrangência dos comportamentos, clareza, níveis de tolerância e flexibilidade, linhas de atuação e regras de funcionamento em sala de aula.

É também necessária uma reflexão sobre a supervisão dos espaços escolares, idealmente, devem ser implementadas medidas diversificadas que mobilizem diferentes atores. O objetivo passa sempre por tornar o espaço mais seguro, fomentando a sensação de segurança e diminuindo a ansiedade dos alunos. Posto isto, devem ser relatados os incidentes e ocorrências, os locais-chave devem ser identificados e poder-se-á criar zonas

de segurança “onde o aluno pode permanecer sem correr o risco de se sentir ameaçado” (Seixas, 2010: 147).

Por fim, em relação à pedagogia, vários autores supracitados, realçam a importância de se abordar o *bullying* no currículo, promovendo também aprendizagens ao nível da comunicação e da gestão de conflitos que serão necessários durante a mediação entre pares. Seixas (2010) considera que ao nível curricular, os docentes têm a oportunidade de adaptar o currículo de forma a incentivar discussões e reflexões em torno do tema da violência, da injustiça e outras formas alternativas de resolver os conflitos.

Em relação aos programas de mediação entre pares, estes devem ter como objetivo o envolvimento dos alunos na gestão e resolução dos seus próprios conflitos, as principais competências a trabalhar devem ser, segundo Matos, Simões e Gaspar (2010), “escuta ativa, o trabalho de equipa, a procura de uma solução pacífica, a utilização do humor quando lidam com os provocadores e a cordialidade/empatia” (p. 63).

De acordo com Seixas (2010) a mediação entre pares traz ganhos significativos aos alunos que procuram apoiar os seus pares nomeadamente “ao nível de sentimentos de utilidade social, de auto-confiança e de responsabilidade” (p. 148). Por outro lado, ao nível de uma intervenção direcionada aos alunos agressores, estes devem treinar o controlo de impulsos, desenvolver competências de empatia e cognição, de estratégias não agressivas e a oportunidade de aprender outras formas de liderança.

Inevitavelmente será necessário alterar falsas crenças e sensibilizar para os sinais de alerta “em termos de comportamentos e atitudes que os alunos manifestam enquanto agressores ou vítimas” (Seixas, 2010, p. 139). Idealmente o que deverá acontecer no meio escolar é um plano de intervenção como acima mencionado, mas será identicamente necessário, promover uma reflexão sobre a prevenção. Existindo uma prevenção eficaz o número de ocorrências tenderá a diminuir. Posto isto, Seixas (2010) distingue a prevenção primária que se destina a toda a comunidade escolar visando a eliminação dos fatores que promovem os comportamentos de *bullying* através do desenvolvimento de competências pro sociais e a prevenção secundária dirigida a alunos de risco. Segundo a autora, estes alunos exibem “alguns sinais de alerta ou de desordens entendidos como sintomas emergentes de agressividade” (p. 140). Neste caso, pretende-se “proporcionar apoio e suporte” complementando domínios específicos. Por fim, a prevenção terciária é dirigida a alunos que manifestam ações e comportamentos anti-sociais e/ou vitimização recorrente e duradoura e que precisam de estratégias interventivas.

Sebastião et al., (s.d) enumeram algumas ações e conceções que são relevantes quando o tema é a intervenção nas escolas. Nas suas perspetivas é necessário “um entendimento normativo efetivamente partilhado” (p.8). Quando as regras definidas estão

marcadas pela ambiguidade “traduz-se numa sobreposição das regras formais com interpretações particulares” (Sebastião et al., 2013). Para tal, é essencial que tanto a formulação e a implementação de regras, bem como os respetivos critérios de decisão e aplicação sejam “objetivos, coerentes e justos” (p.8). Afirmam ainda que é necessário que os comportamentos sejam alvo de uma atuação imediata e de forma corretiva.

Segundo Carreira (2005) os Diretores Escolares “não têm conseguido lidar” (p. 3) com as situações de violência, “denotando despreparo e falta de conhecimento acerca do assunto” (p.3). Acrescenta ainda que devido à ânsia de querer pôr um término às situações aplicam medidas cujo “fracasso é inevitável, agravando qualitativamente o desempenho das atividades desenvolvidas no ambiente escolar” (p.3). Sendo assim, tanto Carreira (2005) como Silva e Amorim (2020) defendem que os profissionais de educação devem ser capacitados para identificarem os tipos de violência dentro da escola e a respetiva delimitação de uma intervenção. As situações de *bullying* não podem ser consideradas normais, sob pena das escolas legitimarem este tipo de violência (Carreira 2005). Além disso, é essencial que se tome como mito que o *bullying* é um reflexo de brincadeiras, coisas de rapazes, que agressor com o tempo deixará de ser agressivo e que os adultos não devem envolver-se nas situações.

As parcerias locais são necessárias para que os programas de prevenção e intervenção tenham um impacto a médio-longo prazo (Sebastião et al., s.d). Intervir em rede “beneficia de uma maior diversidade de abordagens e permite uma otimização dos recursos disponíveis” (p. 11). Nesta sequência devem ser elaborados documentos de intervenção, onde devem ser clarificadas as orientações, bem como, a delegação de competências.

Para terminar e em jeito de síntese, é de ressaltar que a intervenção não pode incidir somente nos alvos ou vítimas. É necessário que as ações levadas a cabo sejam abrangentes incluindo também os agressores, observadores e toda a restante comunidade educativa, sob pena de não se minimizar ou reduzir o número de casos de *bullying*.



## Capítulo II

### Estratégia metodológica

No capítulo anterior procurou-se caracterizar o conceito de *bullying*, compreender o seu impacto nos alunos e nas instituições escolares. Por se verificar a existência de uma relação entre as vivências deste tipo de violência e a saúde mental e as aprendizagens dos alunos, considerou-se pertinente a elaboração de um estudo que suportará um conjunto de recomendações. O estudo foi concretizado numa escola de 2.º e 3.º ciclo pertencente ao concelho de Sintra.

Através deste estudo pretendeu-se elaborar um diagnóstico que permitisse caracterizar as situações de *bullying* existentes na escola do ponto de vista dos alunos e da equipa docente. Da mesma forma, no que toca à prevenção e gestão destas ocorrências, procurou-se identificar os mecanismos existentes e quais as perceções dos diretores de turma acerca dos mesmos.

O diagnóstico concretizado focou-se nos alunos enquanto participantes ou observadores das ocorrências de situações de *bullying*, nos diretores de turma, coordenação de escola e de agrupamento enquanto agentes de administração e gestão escolar.

Posto isto e atendendo aos objetivos traçados, optou-se por seguir uma abordagem de natureza qualitativa ou interpretativa, orientado pela metodologia de estudo de caso, pretendendo-se “compreender as interações entre o fenómeno em estudo com os seus contextos” (Amado & Freire, 2017, p.125).

O diagnóstico seguiu uma abordagem mista, dado que para estudar o contexto foi necessário recorrer a técnicas qualitativas em complemento das técnicas quantitativas. As técnicas de recolha de dados passaram, portanto, pela implementação de um inquérito aos alunos e pela aplicação de entrevistas semiestruturadas aos diretores de turma, coordenação de escola e coordenação do agrupamento. Optou-se por estes intervenientes, uma vez que são os atores responsáveis por uma intervenção mais imediata.

Após o consentimento do Diretor do agrupamento procedeu-se à recolha de dados com os alunos através de um inquérito *online* (Anexo A) cuja forma de aplicação ficou sob responsabilidade da escola. A par desta recolha de dados, foi feito um levantamento dos diretores de turma que consentiam a sua participação nas entrevistas (Anexo B), verificou-se, então, que cinco docentes se mostraram disponíveis. Nesta sequência, foi enviado um email com um documento online, onde os mesmos se poderiam inscrever conforme a sua disponibilidade. As entrevistas decorreram entre o mês de maio e julho em formato digital através da plataforma Zoom.

As entrevistas seguiram um carácter semidiretivo, isto é, seguiram-se algumas questões pré-definidas, mas foi dada oportunidade aos docentes para falarem abertamente. Os guiões de entrevista foram construídos de forma a dar voz às perspetivas dos docentes sobre a Violência Escolar e o *bullying*, incidindo no papel da comunidade educativa e nas estratégias que consideraram pertinentes para prevenir e gerir as ocorrências no meio escolar em análise.

Através da análise de dados, pretendeu-se dominar um conhecimento relevante sobre as características do contexto que se relacionam com a violência escolar.

Posto isto, os dados resultantes do inquérito aos alunos foram sujeitos a um tratamento estatístico descritivo através da contagem e distribuição de frequências (Morais, 2005). De acordo com o autor esta técnica permite analisar e interpretar os dados numéricos através da criação dos instrumentos mais adequados. Neste caso procedeu-se à criação de tabelas e gráficos através da plataforma SPSS.

Relativamente aos dados recolhidos através dos guiões das entrevistas, os mesmos foram sujeitos a uma análise categorial (Anexo C). Por outras palavras e de acordo com Vala (1986) a análise de conteúdo permite inferências tendo em conta as mensagens que foram sistematizadas e categorizadas, ou seja, trata-se de uma “desmontagem de discurso”. O objetivo é considerar as transcrições das entrevistas e classificá-las de acordo com um conjunto de categorias que serão sujeitas a um recenseamento (Bardin, 1997).

Por fim, procedeu-se ao cruzamento dos dados resultantes. De acordo com Flick e Caillaud (2017) este processo de triangulação de dados permite conclusões mais rigorosas e fidedignas, além de permitir uma observação mais profunda e rica.

No decorrer da recolha de dados reconheceram-se questões éticas garantindo o anonimato e confidencialidade dos participantes.

## Capítulo III

### Apresentação, análise e discussão dos dados

Neste estudo, a análise de dados resulta da aplicação de um inquérito *online* aos alunos e uma entrevista ao Diretor do Agrupamento, ao Coordenador da Escola e a alguns diretores de turma. Os dados foram recolhidos durante cerca de 12 semanas.

Terminado o momento de recolha de dados, iniciou-se a sua organização e análise. Para tal, de forma a analisarem-se os dados recolhidos através do inquérito foram construídas tabelas de frequência, dupla entrada e gráficos considerando as respostas dos alunos. Concluída essa organização, criaram-se testes de hipóteses relacionando as diferentes variáveis. Os dados recolhidos através das entrevistas foram submetidos a uma análise de conteúdo categorial que facilitou a identificação de categorias emergentes (Anexo C).

#### 3.1. Caracterização da amostra

A amostra é constituída por 48% dos alunos da escola. Deste grupo 26% dos inquiridos frequenta o 5.º ano, 20% o 6.º ano, 26% integra o 7.º ano e 28% o 8.º ano. No que confere ao género, 54% são raparigas e 46% rapazes, cujas idades encontram-se distribuídas entre os 9 e os 16 anos.

No que diz respeito à relação com a sua família, 60% dos alunos destaca que fala todos os dias com os seus familiares, enquanto, 34% respondeu “às vezes” e 6% menciona que nunca fala sobre o seu dia. No que toca à presença dos encarregados de educação (EE) na escola, 41% dos alunos afirma que os seus EE costumam ir às reuniões de final do período, 34% fala com os respetivos Diretores de Turma, 18% participa nas atividades da escola e 4% não comparece nas reuniões convocadas.

Quando adotam comportamentos que a sua família não aprecia, são vários os alunos que são chamados à atenção através de uma conversa (35%), outros ficam de castigo (18%) e os restantes distribuem-se de forma quase uniforme por “obrigam-me a estudar”, “não me deixam sair”, “gritam comigo”, “dão-me tarefas de casa para fazer”, “batem-me” e “ficam chateados, mas não dizem nada”. Por outro lado, quando estes alunos adotam comportamentos apreciados pela família, 49% é incentivado a continuar, 25% é elogiado, 13% recebem presentes, 3% menciona que os seus EE não dizem nada.

No que diz respeito à sua relação com a escola, 60% dos inquiridos gosta de a frequentar, 29% só às vezes e 11% não gosta porque “fazem *bullying* comigo e estão sempre a excluir-me” e “as pessoas gostam de arranjar confusão à toa e passam a não gostar de mim do nada” (Exemplos de respostas ao inquérito). No que toca à sua relação com os pares,



a maioria dos alunos menciona que tem muitos amigos, ao contrário de 26% que refere que não tem ou tem poucos amigos.

### 3.2. Perceção dos alunos

#### ▪ Há ocorrências de bullying?

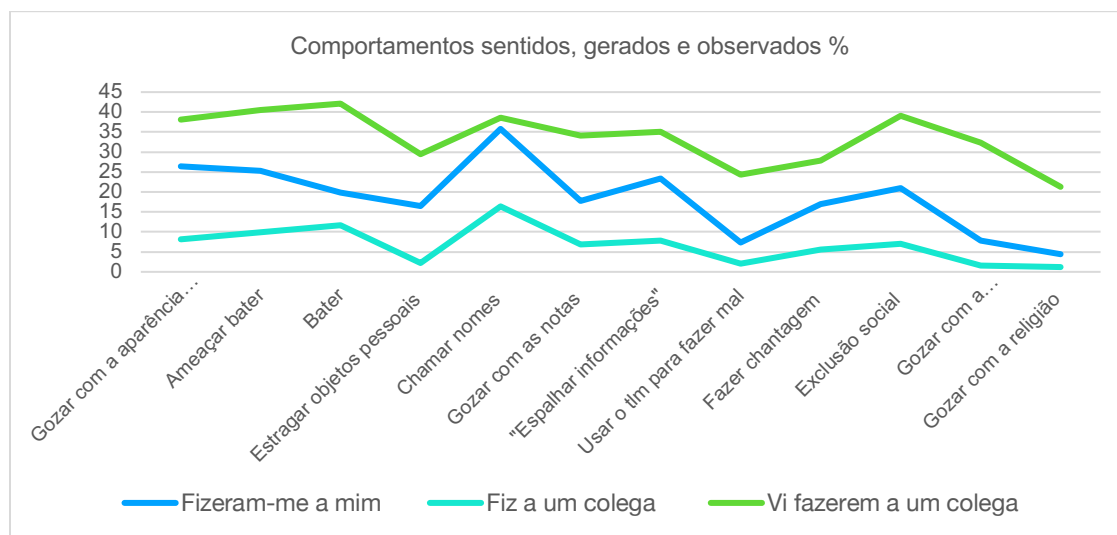
Com o objetivo de identificar e caracterizar as ocorrências de *bullying*, foram considerados os dados recolhidos através do inquérito aplicado aos alunos.

Os resultados permitem inferir e afirmar que existem situações de violência que podem ser caracterizadas como *bullying* entre pares. Posto isto, os dados recolhidos revelam a realidade da escola em análise, no que toca a situações de *bullying* ou ocorrências de violência e segundo as respostas analisadas, verificou-se que 45% dos alunos se considera vítima.

Os dados do gráfico revelam que os alunos relatam ser vítimas principalmente de provocações como chamar nomes e gozo em relação à sua aparência física, além disso referem sofrer de ameaças de agressão, difusão de informações sobre si (boatos), exclusão social e agressões físicas. A triangulação de dados apresentada no gráfico a baixo vem reforçar as respostas das vítimas.

**Quadro 4**

*Identificação dos comportamentos sentidos, gerados e observados*

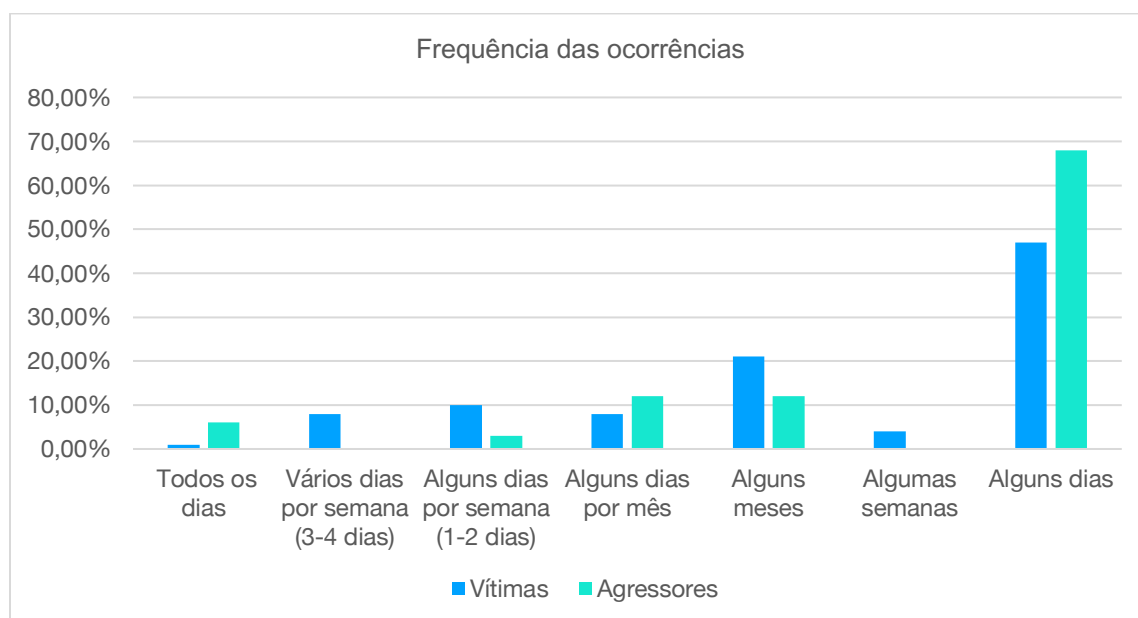


O diagnóstico levado a cabo demonstra que os principais agressores identificados pelas vítimas são **colegas de turma** (39%). No entanto, há uma percentagem elevada no que diz respeito aos agressores do mesmo ano (16%) ou de ano superiores (16%). Por outro lado, 13% dos inquiridos afirmaram que não conhecem os seus agressores.

Em relação ao gênero e ao ano de escolaridade, os dados indicam que há mais vítimas e agressores nos 5.º, 7.º e 8.º ano, sendo que a maioria das vítimas e agressores é do sexo feminino.

Quando questionados sobre a frequência em que ocorreram os episódios de violência, os dados apresentados no seguinte gráfico demonstram que as opções mais selecionadas tanto pelas vítimas como pelos agressores são “durante alguns dias” e “durante alguns meses”.

**Quadro 5**  
Frequência das ocorrências de violência



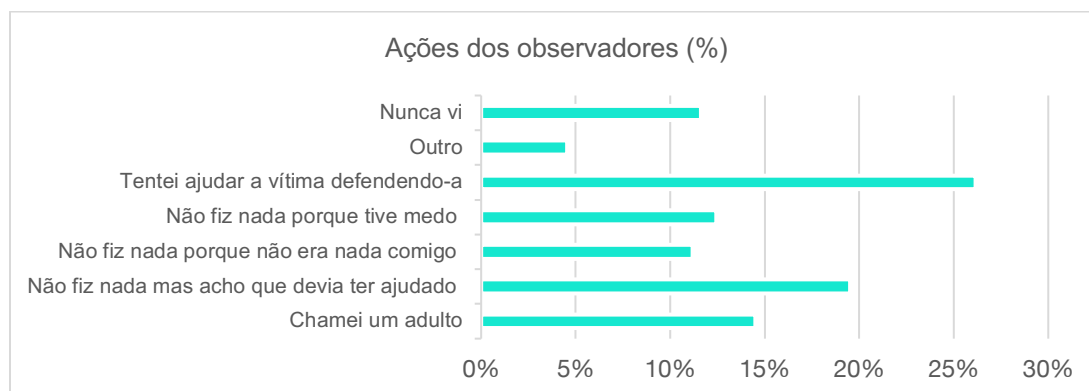
O principal local onde se desenvolve esta violência, identificado por 72% das vítimas, é o **espaço exterior durante o intervalo**. No entanto, foram destacados outros espaços que incluem o bar/refeitório e a portaria da escola.

Procurou-se identificar as principais ações e reações por parte das vítimas durante e após os confrontos e a análise permite inferir que 23% selecionou a opção “digo-lhe que não gosto que o faça”, 21% fala com um adulto, 19% vai contra o agressor, 9% foge da situação e do agressor e 3% grita por ajuda. Em relação às denúncias, 27% das vítimas revela não falar com ninguém sobre o sucedido, 39% menciona que conversa com as famílias e 15% com os amigos da escola.

Por outro lado, e tendo em conta que existem mais do que dois papéis nas situações de *bullying*, foi apresentada uma questão que permitisse identificar as ações levadas a cabo pelos observadores durante os momentos de agressão.

#### Quadro 6

##### Ações levadas a cabo pelos observadores



Os dados permitem-nos verificar que há vários alunos que tentam apoiar as vítimas seja defendendo-a ou chamando um adulto. No entanto, há que salientar a existência de uma frequência relativamente elevada na opção “não fiz nada porque não era nada comigo”, bem como, a ausência de apoio “não fiz nada, mas acho que devia ter ajudado”. Quando triangulados os dados recorrendo às respostas das vítimas à pergunta “durante um momento de agressão, na escola, na presença dos teus colegas ou adultos, que tipo de apoio recebeste?”, verifica-se efetivamente que muitos são defendidos pelos colegas, existindo uma pequena percentagem de alunos que refere “ninguém me ajudou”.

Em relação aos agressores, procurou-se compreender que motivos conduziam à violência, e os dados demonstram que 33% destes alunos descontrola-se e fica furioso(a), 25% menciona que “chamaram-me nomes e/ou ofenderam os meus familiares”, 10% afirma que não gosta dos pares que agride.

Sintetizando, os dados recolhidos e analisados dão conta da existência de situações de *bullying* e das suas respetivas características. A triangulação de dados permitiu verificar a veracidade das respostas contribuindo para uma análise mais fidedigna. Considera-se esta análise um ponto de partida para a reformulação ou para a introdução de novas medidas de prevenção e gestão no âmbito da violência escolar.

#### ▪ Quais são os impactos nos alunos?

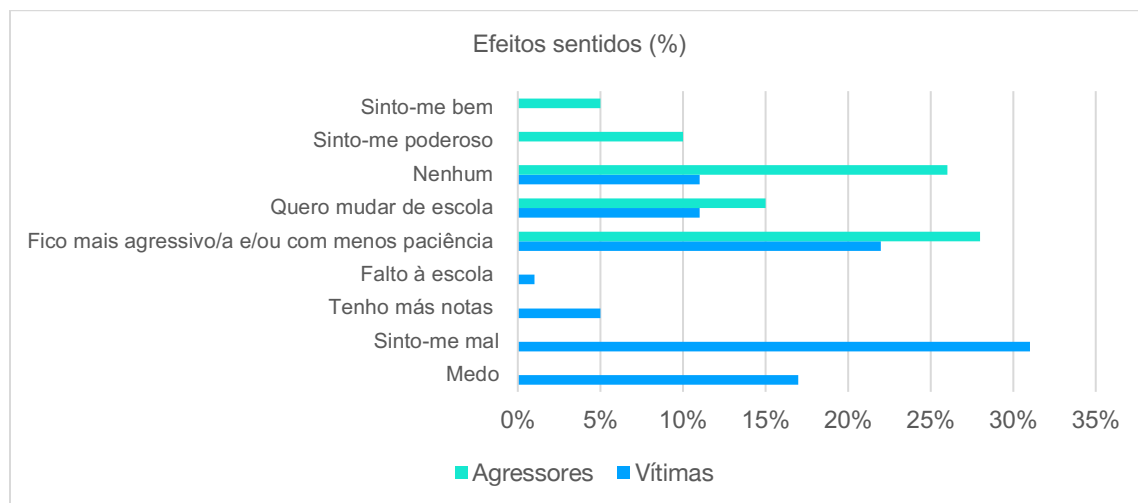
Com base na análise anterior, pretende-se identificar e caracterizar o impacto das situações de *bullying* nos alunos. Compreender este impacto e as respetivas consequências poderá ser também um ponto de partida para identificar intervenções e estratégias mais adequadas de prevenção e gestão. Da mesma forma, esta compreensão permite aos adultos estarem mais alerta para alguns dos sinais associados à vitimização e agressão.

O inquérito aplicado aos alunos incluiu duas questões relacionadas com este tópico. Uma primeira questão foi dirigida às vítimas e aos agressores para compreender qual o impacto

das agressões em si, isto é, numa perspetiva mais psicológica. Os dados apresentados demonstram que em relação às vítimas, é frequente sentirem-se mal, com medo e ficarem mais agressivas e/ou sem paciência. Já em relação aos agressores é de salientar que há uma elevada frequência nas opções “nenhum” efeito sentido e “sinto-me poderoso”, sendo estes indicadores preocupantes.

**Quadro 7**

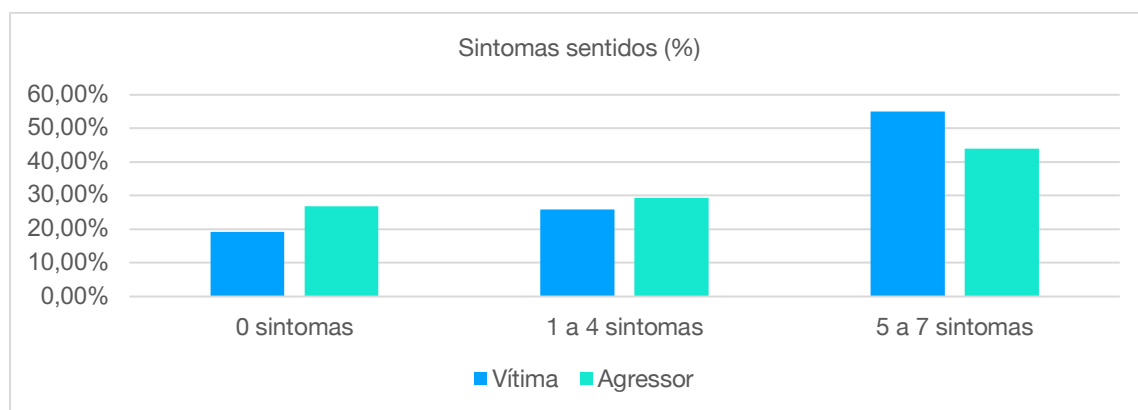
*Comparação do impacto das situações de violência nas vítimas e nos agressores*



Uma segunda questão teve como fim criar dados que permitissem caracterizar a saúde mental dos alunos comparando os sintomas sentidos<sup>2</sup> pelas vítimas e pelos agressores.

**Quadro 8**

*Comparação do número de sintomas sentidos entre as vítimas e os agressores*



De acordo com os dados, 19% das vítimas e 27% dos agressores revelam não sentir os sintomas enumerados, por outro lado, denota-se que vários alunos, independentemente dos

<sup>2</sup> As opções de sintomas apresentados foram: durmo mal ou pouco; tenho pesadelos à noite; tenho dores de barriga e/ou de barriga; sinto-me irritado/a; sinto que nada corre como gostaria; sinto-me triste e sinto-me nervoso/ansioso;

seus papéis revelam sentir vários sintomas. Ainda assim, há mais vítimas do que agressores a sentir entre 5 a 7 sintomas.

Em contrapartida, considerando uma perspectiva mais sociológica, procurou-se caracterizar o impacto nos alunos considerando questões como a segurança na escola.

Assim, quando questionados sobre a **violência na escola**, a maioria dos alunos, 72% (n = 148) considera que é um problema. Ainda assim, observa-se uma ligeira redução quando se aborda a **violência em sala de aula**, onde apenas 37% (n= 76) dos alunos refere que é um problema.

Questionou-se, então, se os alunos costumavam ver outros a agredir e neste caso as percepções dividem-se, sendo que 51% (n=107) afirma que sim e 48% (n=102) afirma que não. Tal como esperado, através de testes de hipóteses verificou-se a existência de uma relação que demonstra que a maioria dos alunos que observa situações de violência considera que a violência é um problema na escola. Apesar da maioria dos alunos considerar que a violência é um problema na sua escola, os alunos tendem a considerar que a escola procura resolver estas situações através da conversa em sala de aula (43%, n= 113) e quando há problemas os adultos tendem a intervir (34%, n= 87).

Por fim, pretendeu-se perceber se os alunos se sentem seguros na escola e concluiu-se que 48% (n=102) sente-se “às vezes”, 42% (n= 89), sente “sempre” e 10% não se sente seguro. Estes dados são também indicadores para fomentar alguma preocupação, uma vez que há uma elevada frequência de alunos que não se sente sempre seguro na escola.

### **3.3. Percepções dos docentes (Diretores de Turma e Coordenação)**

- **Contributos dos inquiridos sobre o bullying**

Com base nas respostas das entrevistas aplicadas foi concretizada uma análise categorial a fim de se compreender e caracterizar as percepções dos docentes acerca do *bullying*. Os objetivos passaram por perceber qual é a sua percepção sobre a existência de *bullying* na escola, que recursos e mecanismos existem e quais deveriam existir.

Posto isto e de acordo com as respostas dos inquiridos, o *bullying* é considerado como um conjunto de ações negativas insistentes e reiteradas de um agressor sob uma vítima – “O *Bullying* implica ameaças repetidas e constantes por parte de um agressor sobre o agredido em qualquer contexto, incluindo o meio escolar” (Coordenador de Escola). Além disso, os Diretores de Turma destacaram igualmente que o *bullying* pode assumir ataques abertos, através de agressões físicas e ataques fechados através das críticas e comentários maldosos – “Ataques diretos, indiretos” (Diretor de Turma 3), “O comentário maldoso, a crítica... acaba por ser um tipo de violência continuada.” (Diretor de Turma 4). Estes docentes consideram que as agressões de *bullying* têm um impacto negativo nas vítimas prejudicando, desta forma,

o seu bem-estar emocional - *“Um impacto bastante negativo, muitas vezes não querem vir para a escola ou precisam de mudar de turma ou de escola”* (Diretor de Turma 5), *“E o impacto passa por alunos que deixam de gostar de estar na escola e não conseguem tirar partido da escola”* (Diretor de Turma 2).

De uma forma geral, os docentes identificaram algumas das principais características do *bullying* sendo este aspeto essencial para identificarem situações que ocorrem na escola, bem como, para compreenderem a importância de prevenir e gerir situações de *bullying*.

- **Violência no meio escolar em análise na perspetiva dos docentes**

Questionou-se os professores acerca da violência, nomeadamente, do *bullying* na escola e os dados corroboram as respostas dos alunos.

No entanto, se por um lado a gestão escolar menciona que as situações ocorridas são esporádicas e rapidamente resolvidas, os diretores de turma demonstraram uma perspetiva diferente. Os professores afirmam que há uma quantidade considerável de ocorrências de *bullying* cuja gravidade depende das suas perceções - *“Bastante, está a tornar-se pior [a frequência de situações] (...) a agravar muito.”* (Diretor de Turma 3), por outro lado, o Diretor de Turma 4, por exemplo, afirma que *“No global um grau baixo poderá haver uma ou outra com maior grau de gravidade”*.

Os docentes mencionaram ainda que têm vindo a observar nos alunos impactos negativos, tais como *“não querem vir para a escola ou precisam de mudar de turma ou de escola”* (Diretor de Turma 5).

Em relação aos preditores, a gestão escolar realçou a carência de competências para os alunos gerirem situações de conflito sem recorrer à violência – *“ a dificuldade de alguns alunos resolverem os seus conflitos sem recorrer à violência física ou verbal”* (Coordenador de Escola) -, já os diretores de turma destacam o contexto familiar, afirmando que a estrutura familiar influencia a compreensão dos alunos quanto à existência de limites *“pode ter uma estrutura familiar que o leve a não compreender que há limites. Poderá não ter noção do seu lugar na turma e na escola e não valorize a hierarquia e a relação com o outro”* (Diretor de Turma 2), *“O meio familiar, os mais violentos são normalmente provenientes de famílias desestruturadas”* (Diretor de Turma 5).

No que diz respeito à gestão das situações existentes, os inquiridos destacaram a importância da escuta ativa, do diálogo e das chamadas de atenção como estratégias fundamentais. Respetivamente, no que confere à resolução destes casos, alguns diretores de turma afirmaram que nem sempre as resoluções perduram existindo casos mais desafiantes.

O foco e a atenção dada ao *bullying* nesta escola é de extrema importância na perspectiva dos inquiridos. O coordenador da escola afirmou que é fundamental resolver de imediato as situações que surjam e o diretor do agrupamento, bem como, os diretores de turma realçam os projetos levados a cabo na ótica da prevenção, nomeadamente

*Alguns desses projetos estão relacionados com o desenvolvimento de competências socioemocionais “Devagar se Vai al Longe”, Clubes UBUNTU, - Semana da internet segura, dia escolar da não violência e da paz: realização de uma atividade alusiva ao tema, Cidadania Digital, Cibersegurança - Dinamização de sessões que fornecem informações sobre os diferentes tipos de ameaças online e qual a melhor de forma de se defenderem dessas ameaças; O melhor de mim – Mindfulness, Clube AGIR, Tutorias Sociais. (Diretor do Agrupamento)*

Os docentes responderam também a algumas questões acerca das orientações existentes para gerir as situações de *bullying*. O Diretor do agrupamento, bem como outros docentes, salientaram que as orientações para os professores se encontram no regulamento interno, no entanto, há um diretor de turma que destaca a falta de orientações precisas e concretas em relação a este tópico. Quanto às orientações para os alunos, os Diretores de Turma afirmam que estão expressos e claros no Regulamento os direitos e deveres dos alunos, no entanto, destacam que os alunos não leem e/ou consideram que estas regras não são uniformes para todas dificultando então o seu cumprimento – “Não porque não leem” (Diretor de Turma 3), “*Alguns direitos e deveres conhecem, eu mostrei-lhes e alguns até tiveram de copiar. Eu acho que a questão não é ter direitos e deveres, eu acho que eles consideram que não é uniforme para todos e depois a coisa torna-se complicada.*” (Diretor de Turma 4).

- **Mecanismos de resposta existentes e desejáveis**

Os professores destacam a autonomia existente para gerir as situações de *bullying* que surjam, apesar de considerarem que há alguma carência de ferramentas disponíveis – “*Docentes têm autonomia para o fazer, embora ache que tenhamos poucas ferramentas disponíveis. Deveriam existir mais ações/workshops entre outras sessões para melhor compreendermos a abordagem nestes casos*” (Diretor de Turma 1)

Atualmente os mecanismos de respostas passam pela concretização de várias iniciativas e projetos de prevenção tanto para alunos, como para as famílias e para os professores. Outro recurso destacado sistematicamente pelos diretores de turma é o apoio do GAAF, apesar de considerarem que não é suficiente devido ao trabalho em mãos – “*A escola deveria ter, para além do GAAF que se desdobra em mil funções*” (Diretor de Turma 1)

Por fim, os diretores de turma consideram que seria necessário retomar o antigo Gabinete para o Aluno, uma vez que se trata de um espaço para os alunos e a par das

ocorrências, as famílias costumavam ser contactadas de imediato – “*O Gabinete do Aluno, um espaço para encaminhar os alunos [destacado como outros recursos que deveriam existir]*” (Diretor de Turma 4). Outras estratégias destacadas pelos diretores de turma passam pelo trabalho em sala de aula e o trabalho com as famílias.



## Considerações Finais

Ao longo deste estudo procurou-se caracterizar as situações de *bullying* numa escola do concelho de Sintra, bem como, caracterizar as perceções da equipa docente e da liderança escola acerca da violência na escola e dos mecanismos de resposta existentes.

Para tal, foi aplicado um inquérito aos alunos cuja duração de resposta esperada eram 8 minutos. Entre vários blocos, este inquérito conteve questões que permitissem caracterizar a amostra, identificar vítimas, agressores e observadores caracterizando os modos de violência. O inquérito abordava também o tema do impacto da agressão nos alunos quer a nível psicológico, físico como a nível social relacionando com a segurança sentida na escola. Por fim, pretendeu-se através deste inquérito compreender a perspetiva dos jovens sobre a atuação da escola para prevenir e gerir estas situações.

Os resultados deste estudo demonstraram a existência de situações de *bullying*, identificando-se 110 vítimas. As agressões predominantes são “chamar nomes”, “gozar com a aparência”, “ameaçar de bater”, “boatos” entre outras formas de expressão. A análise revelou também que os principais agressores são os colegas de turma e a frequência das ocorrências tendem a durar alguns dias e/a alguns meses. Os alunos que observam estas situações referem maioritariamente que tentaram ajudar as vítimas, no entanto, há uma percentagem relativamente alta de alunos que refere “não fiz nada porque não era nada comigo”. O espaço mais identificado pelos alunos para o decorrer destas agressões é o espaço exterior no intervalo.

Em relação ao impacto nos alunos, verificou-se que é frequente as vítimas sentirem-se mal, com medo e ficarem mais agressivas. Quanto aos agressores, sentem-se também mais agressivos, com menos paciência e sentem-se poderosos.

Quando questionados sobre a violência na escola, a maioria dos alunos considera que é um problema. Contudo, destacam que a escola tende a preocupar-se com as situações existentes. Por fim, apenas 42% dos alunos se sente sempre seguro na escola.

Em relação às perceções dos diretores de turma e da liderança escolar, verificou-se que, se por um lado a liderança escolar considera que as situações de *bullying* são esporádicas e rapidamente resolvidas, por outro, há diretores de turma que mencionam que há uma quantidade considerável de ocorrências cuja gravidade tem vindo a aumentar.

De uma forma em geral, todos concordam que é dado foco e atenção à problemática do *bullying* através de iniciativas e projetos, no entanto, os docentes consideram que existe alguma carência de ferramentas disponíveis para gerirem estas situações. Quando questionados sobre que mecanismos de resposta poderiam ser criados, os docentes referiram sistematicamente a reintrodução do Gabinete do Aluno na escola.

De uma forma em geral, estes dados não fogem à realidade apresentada nos estudos que têm vindo a ser conduzidos. A principal diferença que se pode destacar é o facto de neste contexto os principais agressores serem do sexo feminino, ao contrário dos estudos apresentados no capítulo inicial. Outro dado distinto refere-se às idades dos agressores que se tende a estender de forma uniforme entre os 11 e os 14 anos. Em relação aos restantes resultados como as agressões concretizadas, os locais, os motivos para a prática e os impactos são similares aos dados apresentados noutros estudos.

Verificou-se também que a liderança escolar está atenta às situações de bullying procurando criar projetos e iniciativas que preveniam o desenvolvimento de novas situações. Os mecanismos de resposta ligados ao regulamento interno vão ao encontro do esperado tal como explicitado no capítulo inicial, no entanto, tal como mencionado nesse mesmo capítulo, encontramos presente o problema destacado por Sebastião (2013) referente à ambiguidade e sobreposição de regras.

As principais limitações deste estudo prendem-se com o número de alunos e de diretores de turma participantes. Acredita-se que principalmente uma maior percentagem de diretores de turma participantes permitiria uma melhor compreensão das perceções dos docentes em geral. Por outras palavras, considera-se que 13% dos diretores de turma não permitem uma generalização das perceções.



## Recomendações

Recomenda-se que seja constituída uma equipa multidisciplinar que durante os próximos anos-letivos seja responsável por<sup>3</sup>:

1. Aplicar inquéritos de diagnóstico à comunidade estudantil uma a duas vezes por ano:
  - a. O objetivo passa por caracterizar as situações de bullying existentes:
    - i. Quantos alunos estão envolvidos em situações de bullying? Quem são estes alunos? Quais são os tipos de violência observados? Quais são os impactos? Os alunos sentem-se seguros na escola?
  - b. Este diagnóstico permite uma avaliação inicial que sustentará a intervenção a delinear. Por outro lado, deverá ser concretizado no final do ano letivo para efeitos de avaliação.
2. Criar um registo oficial de incidentes ligados à violência escolar permitindo assim um mapeamento das ocorrências;
3. Organizar uma intervenção baseada em indicadores face aos diagnósticos elaborados regularmente;
  - a. Devem ser apresentadas e aplicadas medidas de intervenção para diminuir o número de ocorrências de bullying entre pares;
  - b. Sugere-se a clarificação de medidas de monitorização e avaliação, bem como o respetivo registo;
  - c. Após uma intervenção ao longo do ano letivo, devem ser apresentados: registos dos incidentes, mudanças e impactos das intervenções levadas a cabo, bem como sugestões de melhoria;
  - d. Deve ser concretizada uma avaliação anual prestando contas à Direção e ao Conselho Geral;
4. Criar um protocolo de atuação;
  - a. Definição de um documento que clarifique exatamente as linhas de atuação que devem ser levadas a cabo tanto pelos professores, Diretores de Turma e pessoal não docente;
  - b. Neste documento devem ser consideradas medidas de apoio tanto às vítimas como aos agressores;
5. Estabelecer canais de denúncia para os alunos;
  - a. Estes canais devem permitir denúncias anónimas;

---

<sup>3</sup> Recomenda-se a leitura do (i) Programa de Prevenção de Bullying: Manual de intervenção para profissionais; (ii) Programa de prevenção e de combate ao bullying: Manual de intervenção para 2.º e 3.º ciclos. (iii) Programa de Prevenção de Bullying- Manual para a educação de pares: Guia de boas práticas

- b. Deve ser explícito no protocolo de atuação a quem cabe a responsabilidade de atender estas denúncias, bem como, geri-las;
6. Criar estratégias para que os alunos reconheçam as regras expressas no regulamento interno, assim como, assegurar que há recursos e linhas de ação que garantam que as mesmas são aplicadas de forma uniforme e justa.
7. Sensibilizar toda a comunidade educativa:
  - a. É essencial que tanto os professores, como os não docentes e as famílias estejam capacitados para compreender os sinais, bem como, um modo de atuação, por essa razão devem ser desenvolvidas diferentes dinâmicas de sensibilização e capacitação;
  - b. Refletir sobre o impacto dos projetos já levados a cabo de forma a aferir se contribuem para a diminuição do bullying ou se devem ser repensados.
8. Definir tempos para que os professores se possam reunir e debater sobre o tema, por exemplo, nas jornadas pedagógicas;
9. Garantir que os espaços da escola são seguros;
  - a. A título de exemplo, os espaços exteriores, utilizados durante o intervalo, são um dos espaços onde há mais ocorrências de bullying e por esse motivo deve ser fomentada uma reflexão que permita a definição de algumas medidas que tornem este espaço seguro;
  - b. Aumentar a supervisão dos espaços;
10. Estabelecer parcerias com a comunidade;

A par destas medidas, sugere-se a criação de programas de mentoria entre alunos de diferentes anos de escolaridade, com o objetivo de fomentar relações interpessoais saudáveis e desenvolver competências socioemocionais. Um programa ligado à mediação de conflitos também pode ser interessante para capacitar os alunos, os professores e o pessoal não docente.

## Referências

- Al-Ali, N. M., & Shattnawi, K. K. (2018). Bullying in School. In *Health and Academic Achievement*. InTech. <https://doi.org/10.5772/intechopen.75729>
- Alves, M. G. (2016). Vivre à l'école: Indiscipline, violence et harcèlement en tant que défi éducationnel. *Cadernos de Pesquisa*, 46(161), 594–613. <https://doi.org/10.1590/198053143679>
- Amado, J., & Freire, I. (2017). Estudo de caso na investigação em educação. In J. Amado (Ed.) *Manual de investigação qualitativa em educação* (pp. 112-142). Consultado em: <http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0879-2>
- Associação Plano i (2020). Resultados de 2020 do Observatório Nacional do Bullying
- Associação Plano i (2021). Resultados de 2021 Observatório Nacional do Bullying
- Bansel, P., Davies, B., Laws, C., & Linnell, S. (2009). Bullies, bullying and power in the contexts of schooling. *British Journal of Sociology of Education*, 30(1), 59–69. <https://doi.org/10.1080/01425690802514391>
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. (L. Reto., & A. Pinheiro, Trad.). Edições 70.
- Bocci, D. S. (2007). Violência e escola: a participação do gestor na sua prevenção e
- Carreira, D. (2005). *Violência nas escolas - Qual o papel da Gestão?*
- Carvalhosa, S. (2010). *Prevenção da Violência e do Bullying em Contexto escolar*. Climepsi Editores.
- Gaspar De Matos, M., & Gonçalves, S. P. (2009). Bullying nas Escolas: Comportamentos e Percepções. *Psicologia Saúde e Doenças*, 10, 3–15. <https://www.researchgate.net/publication/262708721>
- Kim, S. S., Craig, W. M., King, N., Bilz, L., Cosma, A., Molcho, M., Qirjako, G., Gaspar De Matos, M., Augustine, L., Šmigelskas, K., & Pickett, W. (2022). Bullying, Mental Health, and the Moderating Role of Supportive Adults: A Cross-National Analysis of Adolescents in 45 Countries. *International Journal of Public Health*, 67. <https://doi.org/10.3389/ijph.2022.1604264>

- Leme, M. (2009). A gestão da violência escolar. *Revista Diálogo Educação*, 9(28), 541–555.
- Lourenço, L., Pereira, B., Paiva, D., & Gebara, C. (2009). Gestão Educacional e o Bullying: um estudo em escolas portuguesas. *Interações* (13), 208-228.
- Macedo, E., Martins, F., Cainé, J., Macedo, J., & Novais, R. (2014). Bullying Escolar e Avaliação de um programa de intervenção. *Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental*, 15–20.
- Martins, I. P. (2010). *A Investigação Educacional: Princípios e Estratégias de Internacionalização*.
- Matos, M. G., Simões, C., & Gaspar, T. (2010). Bullying no contexto escolar em Portugal - Evolução 1998-2006. Em J. Sebastião, *Violência na Escola: Tendências, contextos e olhares* (pp. 43-78). Edições Cosmos .
- Mendes, C. S. (2010). Violência na Escola: conhecer para intervir / School Violence: to know to intervene. *Referência*, II, 71–82.
- Olweus, D. (1994). Bullying at School: Basic Facts and Effects of a School Based Intervention Program. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 35(7), 1171–1190. <https://doi.org/10.1111/j.1469-7610.1994.tb01229.x>
- Olweus, D. (1997). Bully/victim problems in school: Facts and intervention. *European Journal of Psychology of Education*, 12(4), 495–510. <https://doi.org/10.1007/BF03172807>
- Olweus, D. (2003). A Profile of Bullying at School. *Educational Leadership*, 60, 12-17.
- Sebastião, J (Org.) (2010). *Violência na Escola – Tendências, contextos, olhares*. Edições Cosmos.
- Sebastião, J., Campos, J., Merlini, S & Chambino, M. ( s.d) *Guia de Intervenção em situações de violência e indisciplina*.
- Sebastião, J., Campos, J., Merlini, S & Chambino. (2013). *Estratégias de Intervenção Socioeducativa em Contextos Sociais Complexos Estudo Prospetivo e de Avaliação*.
- Seixas, S (2010). Rejeição Social em jovens vítimas de bullying na escola: sugestões de intervenção. Em J. Sebastião, *Violência na Escola: Tendências, contextos e olhares* (121-160). Edições Cosmos .

- Silva, J., & Salles, L. (2010). A violência na escola: abordagens teóricas e propostas de prevenção/ School violence: theoretical approaches and proposals of prevention. *Educar Em Revista* , 2, 217–232.
- Smith, P. K. (2013). School bullying. *Sociologia, Problemas e Praticas*, 71, 81–98.  
<https://doi.org/10.7458/SPP2012702332>
- Swain, J. (1998). What does bullying really mean? *Educational Research*, 40(3), 358–364.  
<https://doi.org/10.1080/0013188980400307>
- Vala, J. (1986). A análise de conteúdo. In, A. Silva & J. Pinto (Orgs.). *Metodologia das ciências sociais*. Porto: Edições Afrontamento
- Vieira Da Silva, J., Cristina, M., & Amorim, S. (2020). *Gestão escolar e prevenção da violência nas escolas*. <http://unesdoc.unesco.org/images/0024/002469/246970e.pdf>
- Zequinão, M. A., de Medeiros, P., da Silva, J. L., Lopes, L. O., & Pereira, B. O. (2021). School performance and different roles of participation in bullying: A cross-cultural study. *Revista Portuguesa de Educacao*, 34(2), 237–251.  
<https://doi.org/10.21814/RPE.17330>
- Zequinão, M. A., de Medeiros, P., Pereira, B., & Cardoso, F. L. (2016). School bullying: A multifaceted phenomenon. *Educacao e Pesquisa*, 42(1), 181–198.  
<https://doi.org/10.1590/S1517-970220160313835>

## **Legislação**

Artigo n.º 73º/1976. *Diário da República*, 1.ª série - n.º 86

Artigo n.º 74º/1976. *Diário da República*, 1.ª série - n.º 86

Lei n.º 51/2012. *Diário da República*, 1.ª série, n.º 172





## Anexo A – Inquérito aos alunos

### A. Caracterização da amostra:

1. Ano de Escolaridade;
2. Género;
3. Idade;

### B. Mobilização da família em torno da escola

1. Com que frequência falas com a tua família sobre como correu o teu dia na escola?
  - a. Todos os dias;
  - b. Às vezes;
  - c. Nunca;
2. O teu encarregado de educação costuma:
  - a. Ir às reuniões no final do período;
  - b. Falar com o teu/ a tua Diretor (a) de turma e/ou outros professores;
  - c. Participar nas atividades da escola;
  - d. O meu encarregado de educação não costuma vir à escola.
  - e. Outro;
3. Quando fazes alguma coisa que a tua família não gosta, qual é a reação?
  - a. Deixa-me de castigo;
  - b. Obriga-me a estudar;
  - c. Não me deixa sair;
  - d. Conversa comigo e chama-me a atenção;
  - e. Grita comigo;
  - f. Dá-me tarefas de casa para fazer;
  - g. Não me deixa estar no computador/jogar/ou ver TV;
  - h. Bate-me;
  - i. Fica chateado, mas não diz nada;
  - j. Outros: \_\_\_\_\_
4. E quando fazes algo que a tua família gosta?
  - a. Incentiva-me a continuar;
  - b. Oferece-me presentes;
  - c. Elogia-me na presença de outras pessoas;
  - d. Diz “Não fazes mais do que a tua obrigação”
  - e. Não diz nada;
  - f. Outros: \_\_\_\_\_

----- Nova página - Tópico B -----

### C. Em relação à escola:

1. Gostas de estar na escola?
  - a. Sim gosto;
  - b. Mais ou menos;
  - c. Não gosto.
  - 1.1. Porquê?
2. Dentro da escola tens amigos em quem confies?

- a. Sim vários (5 ou mais amigos);
- b. Alguns (3-4 amigos);
- c. Poucos amigos (1-2 amigos);
- d. Não tenho nenhum amigo;

----- Nova página - Tópico C -----

**D. Envolvência em situações de bullying**

1. Assinala a opção com mais te identificas, sabendo que podes seleccionar mais do que uma

	Fizeram-me a mim	Fiz a um colega	Vi a fazerem a um colega	Nunca me fizeram, nunca fiz, nunca vi fazer
Gozar com a aparência física				
Ameaçar bater				
Bater				
Estragar objetos pessoais com intenção				

2. Assinala a opção com mais te identificas, sabendo que podes seleccionar mais do que uma

	Fizeram-me a mim	Fiz a um colega	Vi a fazerem a um colega	Nunca me fizeram, nunca fiz, nunca vi fazer
Chamar nomes				
Gozar com as notas				
“Espalhar” informações/boatos				
Usar o telemóvel para fazer mal a alguém				
Fazer chantagem				
Impedir alguém de participar num grupo				

3. Assinala a opção com mais te identificas, sabendo que podes seleccionar mais do que uma

	Fizeram-me a mim	Fiz a um colega	Vi a fazerem a um colega	Nunca me fizeram, nunca fiz, nunca vi fazer
Gozar com a nacionalidade				
Gozar com a religião				

Em relação aos comportamentos mencionados nas tabelas acima:

- a) Nunca vi;
- b) Chamo um adulto;
- c) Não faço nada, mas acho que devia ajudar;
- d) Não faço nada pois não é nada comigo;
- e) Não faço nada porque tenho medo;
- f) Tento ajudar, defendendo o agredido;
- g) Outro \_\_\_\_\_

----- Nova página – Tópico D -----

1. És/já foste alvo por um ou dos mais comportamentos mencionados nas tabelas apresentadas anteriormente?
  - a. Sim
  - b. Não
2. És/já foste responsável por um ou dos mais comportamentos mencionados nas tabelas apresentadas anteriormente?
  - a. Sim
  - b. Não

**E. Vítimas:**

1. Com que frequência já foste vítimas dos comportamentos acima mencionados ou outros idênticos:
  - a. Esta semana;
  - b. Há mais de uma semana;
  - c. Há mais de um mês;
  - d. No ano passado;
  - e. Uma vez/poucas vezes por semana;
  - f. Muitas vezes por semana
  - g. Várias vezes por dia;
2. Onde aconteceu?
  - a. A caminho da escola ou a caminho de casa;
  - b. Recreio;
  - c. Casa de banho;
  - d. Na sala de aula;
  - e. No ginásio;
  - f. Balneário;
  - g. Bar/Refeitório;
  - h. Corredor;
  - i. Outro \_\_\_\_\_
3. Como te relacionas com os teus amigos?
  - a. Participas em atividades;
  - b. És excluído de atividades;
  - c. Preferes estar sozinho;
  - d. Gostas de decidir as atividades;
  - e. Os outros decidem o que vamos fazer;
  - f. Estamos sempre a discutir;

- g. Outro: \_\_\_\_\_
4. Quem é que te agride?
- a) Colega/as da turma;
  - b) Aluno de outra turma, mas no mesmo ano;
  - c) Aluno num ano de escolaridade acima da minha;
  - d) Aluno de escolaridade abaixo da minha;
  - e) Alguém que não conheces;
  - f) Outras pessoas \_\_\_\_\_
5. O que fazes no momento da agressão?
- a) Fujo;
  - b) Vou contra o agressor;
  - c) Digo-lhe que não gosto do que faz;
  - d) Grito por ajuda;
  - e) Apresento uma queixa junto de um adulto;
  - f) Não conto a ninguém;
  - g) Outro \_\_\_\_\_
6. Durante um momento de agressão, na escola, na presença dos teus colegas ou adultos, que tipo de apoio recebeste:
- a) Ninguém ajudou;
  - b) Fui apoiado/a por um adulto;
  - c) Fui apoiado/a pelos meus colegas;
  - d) Outro \_\_\_\_\_
7. Durante o momento da agressão, além do principal agressor alguém apoiou e/ou participou? Se sim identifica quem:
- a) Colega/as da turma;
  - b) Aluno de outra turma, mas no mesmo ano;
  - c) Aluno num ano de escolaridade acima da minha;
  - d) Aluno de escolaridade abaixo da minha;
  - e) Alguém que não conheces;
  - f) Várias pessoas;
  - g) Outras pessoas \_\_\_\_\_;
8. Que impacto sentes que a/as situação/ões de agressão têm em ti?
- a) Nada;
  - b) Medo;
  - c) Deixo de fazer as coisas;
  - d) Sinto-me mal;
  - e) Tenho más notas;
  - f) Falto à escola;
  - g) Torno-me mais agressivo/a ou com menos paciência;
  - h) Quero mudar de escolar;
  - i) Outro \_\_\_\_\_
9. Costumas falar com alguém sobre os episódios de violência?
- a) Não;
  - b) Sim, com amigos virtuais;
  - c) Sim, com amigos da escola;
  - d) Sim, com os colegas;
  - e) Sim, com a família;
  - f) Sim, com os professores;

g) Sim, com os funcionários;

**F. Agressores:**

1. Com que frequência já começaste algum dos comportamentos acima mencionados ou outros idênticos:
  - a. Esta semana;
  - b. Há mais de uma semana;
  - c. Há mais de um mês;
  - d. No ano passado;
  - e. Uma vez/poucas vezes por semana;
  - f. Muitas vezes por semana
  - g. Várias vezes por dia;
  
2. Que motivos sentes que conduzem à agressão?
  - a. Quero mostrar que mando;
  - b. Sinto-me infeliz;
  - c. Tenho gosto em ser mau/má;
  - d. Ninguém demonstra interesse em mim;
  - e. Quero chamar a atenção;
  - f. Descontrolo e fico furioso(a);
  - g. Chamaram-me nomes e/ou ofenderam os meus familiares;
  - h. Os meus amigos também fizeram;
  - i. Outros motivos \_\_\_\_\_;
  
3. Onde aconteceu?
  - a. A caminho da escola ou a caminho de casa;
  - b. Recreio;
  - c. Casa de banho;
  - d. Na sala de aula;
  - e. No ginásio;
  - f. Balneário;
  - g. Bar/Refeitório;
  - h. Corredor;
  - i. Outro \_\_\_\_\_
  
4. Identificação dos principais alvos:
  - a. Colega/as da turma;
  - b. Aluno de outra turma, mas no mesmo ano;
  - c. Aluno num ano de escolaridade acima da minha;
  - d. Aluno de escolaridade abaixo da minha;
  - e. Alguém que não conheces;
  - f. Várias pessoas;
  - g. Outras pessoas \_\_\_\_\_
  
5. Como te relacionas com os teus amigos?
  - a. Não tenho amigos;
  - b. Tenho 1 ou 2 amigos;
  - c. Tenho um grupo de amigos;
  - d. Participas em atividades;
  - e. És excluído de atividades;
  - f. Preferes estar sozinho;
  - g. Gostas de decidir as atividades;
  - h. Os outros decidem o que vamos fazer;
  - i. Estamos sempre a discutir;

j. Outro: \_\_\_\_\_

6. Que impacto sentes que a/as situação/ões de agressão têm em ti?
- a) Nada;
  - b) Medo de ser chamado a atenção e/ou das consequências;
  - c) Sinto-me “poderoso/a”;
  - d) Sinto-me bem;
  - e) Faço mais amigos;
  - f) Torno-me mais agressivo/a ou com menos paciência;
  - g) Quero mudar de escolar;
  - h) Outro \_\_\_\_\_

### **G. Intervenção da escola – ponto de vista dos alunos**

Responder sim ou não;

- 1. Achas que a violência escolar é um problema na tua escola?
- 2. Achas que a violência escolar é um problema na tua turma?
- 3. Costumas assistir a agressões a outros colegas?
  
- 4. Sentes que a tua escola procura intervir na gestão dos casos de bullying?
  - a) Não;
  - b) Sim, conversámos nas aulas sobre o bullying e/ou outros conflitos;
  - c) Sim, quando há um problema, os adultos ajudam-nos a resolver;
  - d) Outro \_\_\_\_\_
  
- 5. Sentes-te seguro/a na escola?
  - a) Sim;
  - b) Não;
  - c) Às vezes;

### **H. Atividades letivas e percurso académico**

- 1. Durante as aulas costumavas conseguir focar-te nas atividades?
  - a. Reta numérica

### **Se respondeste a Opção B**

2. Durante este ano letivo:

	Nunca	Às vezes	Frequentemente	Sempre
Durmo mal e/ou pouco				
Tenho pesadelos à noite				
Tenho dores de cabeça/barriga				
Sinto-me irritado				
Sinto que nada corre como gostaria				

Sinto-me triste				
Sinto-me ansioso/a / nervoso/a				

3. Como classificarias o teu desempenho escolar?
- Costumo ter positiva nas avaliações das várias disciplinas;
  - Às vezes tenho algumas negativas;
  - Ultimamente tenho tirado mais positivas do que antes;
  - Ultimamente tenho tirado mais negativas do que antes;



## Anexo B – Guião das entrevistas

Bloco de informação	Objetivos	Questões
<b>A. Legitimação da entrevista</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Legitimar a entrevista;</li> <li>▪ Motivar o entrevistado;</li> <li>▪ Elucidar sobre os objetivos da entrevista;</li> <li>▪ Garantir a confidencialidade;</li> <li>▪ Solicitar autorização para registo áudio;</li> </ul>	<p><u>Antes de mais agradeço a sua disponibilidade por participar nesta recolha de dados que possibilitará um diagnóstico da escola sobre o tema do bullying. Os objetivos associados passam pela caracterização da realidade da escola e se pertinente face aos dados, será elaborado um Projeto de Intervenção. Recordo que todos os dados recolhidos serão anónimos e confidenciais e a gravação serve meramente para a transcrição. Alguma dúvida?</u></p>
<b>A. Definição do perfil do/a entrevistado/a</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Conhecer o percurso profissional do/a entrevistado/a;</li> <li>▪ Caracterizar o seu cargo na instituição;</li> </ul>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Qual é a sua formação?</li> <li>2. Há quanto tempo exerce funções enquanto docente? E enquanto docente nesta escola?</li> </ol>
<b>B. Perspetiva sobre a Violência Escolar, com destaque sobre o bullying</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Definição conceptual de Violência Escolar e Bullying;</li> <li>▪ Situar os casos de Bullying na escola;</li> <li>▪ Compreender a perspetiva do entrevistado/a sobre o Bullying;</li> </ul>	<ol style="list-style-type: none"> <li>3. Na sua perspetiva o que é a violência escolar?</li> <li>4. E o bullying?</li> <li>5. Na sua perspetiva, o que é um aluno violento?</li> <li>6. Na sua opinião, quais são os principais fatores que levam um aluno a ser violento?</li> <li>7. Tendo em conta a sua experiência aqui na escola, considera que há situações de violência?             <ol style="list-style-type: none"> <li>7.1. Se sim, que preditores acredita que existam? Qual é o impacto nos alunos? Se não existir, porquê?</li> <li>7.2. Se sim, considera que as situações têm um pequeno ou elevado grau de gravidade?</li> <li>7.3. Se sim, as situações de violência têm vindo a agravar-se ou a diminuir?</li> </ol> </li> <li>8. Já houve estas situações numa turma que coordenasse?             <ol style="list-style-type: none"> <li>8.1. Se sim, como reagiu a tais situações?</li> <li>8.2. Essas situações foram alvo de uma discussão/reflexão entre os docentes no sentido de se tomarem medidas?</li> <li>8.3. Na sua perspetiva, os casos tiveram uma resolução?</li> </ol> </li> <li>9. Que importância atribui à prevenção e gestão de situações de bullying?</li> </ol>

<b>C. Papel da comunidade educativa</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Situar o papel da comunidade escolar na gestão deste fenómeno;</li> <li>▪ Caracterizar o grupo de alunos;</li> </ul>	<p>10. Qual considera ser o papel dos docentes na prevenção e gestão das situações de bullying? E da Direção?</p> <hr/> <p>11. E da restante comunidade educativa?</p>
<b>D. Papel da comunidade educativa (Direção do Agrupamento/Escola)</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Caracterizar o papel da direção na prevenção e gestão do bullying;</li> <li>▪ Identificar ações e estratégias levadas a cabo pela Direção, bem como, a sua respetiva importância e impacto;</li> </ul>	<p>12. Existem linhas de orientação/estratégias gerais no que diz respeito à gestão de casos de violência ou cada docente tem autonomia para gerir de acordo com a sua perspetiva?</p> <p>12.1. Se sim, que tipo de orientações existem? Permitem a identificação e respetiva gestão de casos de bullying?</p> <hr/> <p>13. A quem cabe a responsabilidade de gerir estas situações?</p> <hr/> <p>14. Que recursos é que a escola dispõe para gerir este tipo de situações?</p> <p>14.1. Acredita que são eficazes?</p> <hr/> <p>15. Na sua ótica deveriam existir outros recursos? Quais?</p> <hr/> <p>16. Existem iniciativas por parte da direção ou do Conselho Pedagógico referentes ao tema da Violência Escolar e/ou sobre o bullying?</p> <p>16.1. Se sim, considera suficientes e adequadas?</p> <p>16.2. Costuma colaborar?</p> <p>16.3. São abertas à restante comunidade escolar? Se sim, de forma?</p>
<b>E. Documentos de regulação institucional</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Adesão e impacto por parte dos alunos;</li> </ul>	<p>17. Que regras, do Regulamento Interno, considera mais importantes para prevenir as situações de bullying?</p> <hr/> <p>18. Acredita que os alunos compreendem, partilham e aceitam essas regras?</p> <hr/> <p>19. Na sua perspetiva, essas regras têm impacto nas ações e no comportamento dos alunos?</p>
<b>F. Perspetiva do/a entrevistado/a</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Identificar que ações e estratégias o/a entrevistado/a considera relevante na prevenção, gestão e resolução;</li> </ul>	<p>20. Que estratégias acredita serem eficazes para prevenir e gerir os episódios de bullying? Porquê?</p> <hr/> <p>21. Os alunos já recorreram a si para ajudar numa situação de bullying?</p> <p>21.1. Se sim, com que frequência?</p> <p>21.2. Como caracteriza as situações em causa?</p>

<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Caracterizar a perspetiva do docente sobre a incidência do fenómeno na escola;</li> <li>▪ Compreender se os alunos e as famílias recorrem aos docentes para apoiar nos casos existentes;</li> <li>▪ Caracterizar as situações identificadas pelo/a entrevistado/a;</li> </ul>	<p>21.3. Como procede nestas situações?</p> <hr/> <p>22. Já alguma vez foi contactado/a por parte da família de um aluno devido a situações de bullying?</p> <p>22.1. Se sim, fale-me um pouco sobre o decorrer das denúncias e o procedimento de gestão?</p>
<p><b>G. Conclusão da entrevista</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Validar a entrevista;</li> <li>▪ Esclarecer possíveis dúvidas.</li> </ul>	<p><u>Agradeço a sua atenção e disponibilidade.</u>  <u>Se considerar necessário poderei retirar algum excerto da sua transcrição. Relembro mais uma vez que todo o processo de recolha de dados é anónimo e confidencial.</u></p>

## Anexo C – Respostas à entrevista

<b>Cargo: Coordenador/a da Escola (CE)</b>	
<b>A. Legitimação da entrevista</b>	<p><u>Antes de mais agradeço a sua disponibilidade por participar nesta recolha de dados que possibilitará um diagnóstico da escola sobre o tema do bullying. Os objetivos associados passam pela caracterização da realidade da escola e se pertinente face aos dados, será elaborado um Projeto de Intervenção. Recordo que todos os dados recolhidos serão anónimos e confidenciais e a gravação serve meramente para a transcrição. Alguma dúvida?</u></p>
<b>B. Definição do perfil do/a entrevistado/a</b>	<p>1. <u>Qual é a sua formação?</u> <i>Licenciatura em Geografia e Estágio do Ramo Educacional</i></p> <p>2. <u>Há quanto tempo exerce funções enquanto docente? E enquanto docente nesta escola?</u> <i>34 anos enquanto docente e 2 meses enquanto coordenador/a</i></p>
<b>C. Perspetiva sobre a Violência Escolar, com destaque sobre o bullying</b>	<p>3. <u>Na sua perspetiva o que é a violência escolar?</u> <i>A violência escolar abrange todo o tipo de violência física, psicológica, verbal em todo o contexto.</i></p> <p>4. <u>E o bullying?</u> <i>O Bullying implica ameaças repetidas e constantes por parte de um agressor sobre o agredido em qualquer contexto, incluindo o meio escolar.</i></p> <p>5. <u>Fale-me um pouco sobre a existência ou não de situações de bullying na escola:</u> <i>Na escola, por exemplo, somos confrontados com situações que podem configurar bullying, cada vez são mais frequentes as situações de cyberbullying.</i></p> <p>5.1. <u>Se existir, que preditores acredita que existam? Qual é o impacto nos alunos?</u> <i>A dificuldade de alguns alunos resolverem os seus conflitos sem recorrer à violência física ou verbal.</i></p> <p>5.2. <u>Se existir, considera que as situações têm um pequeno ou elevado grau de gravidade?</u> <i>Pequeno.</i></p> <p>6. <u>Enquanto coordenador/a já se confrontou com este tipo de situações aqui na escola? Sim, por vezes verificam-se estas situações, são resolvidas com ajuda das técnicas do GAAP, através de diálogos entre todas as partes envolvidas.</u></p> <p>6.1. <u>Como reagiu a tais situações?</u> <i>Tentei sempre a via do diálogo e ouvir todas as partes envolvidas. De seguida acionei todos os meios/ajudas disponíveis na escola.</i></p> <p>6.2. <u>Na sua perspetiva, os casos tiveram uma resolução?</u> <i>Sim, recorrendo a todos os agentes educativos e em diálogo com as respetivas famílias.</i></p> <p>7. <u>Que importância atribui à prevenção e gestão das situações de bullying?</u> <i>É sempre dada a máxima importância às questões relacionadas com violência em meio escolar e bullying, tentando resolver de imediato as situações identificadas. Trabalhamos também em estreita articulação com a Escola Segura. À posteriori aposta-se na prevenção através de projetos relacionados com o desenvolvimento de competências socioemocionais (“Devagar se Vai ao Longe”; Clubes UBUNTU; - Semana da internet segura; Dia escolar da não violência e da paz: Cidadania Digital: Cibersegurança - Dinamização de sessões que fornecem informações sobre os diferentes tipos de ameaças online e qual a melhor de forma de se defenderem dessas ameaças;</i></p>

<b>D. Papel da comunidade educativa</b>	<p>8. <u>Qual considera ser o papel dos docentes na prevenção e gestão das situações de bullying? E o seu?</u>  <i>Os docentes têm um papel preponderante, nomeadamente aqueles que exercem o cargo de Diretor de Turma e os professores tutores. O meu papel consiste numa intervenção mais imediata.</i></p> <hr/> <p>9. <u>E da restante comunidade educativa?</u>  <i>Todos são importantes na prevenção e resolução das situações identificadas na escola.</i></p>
<b>E. Papel da comunidade educativa (Direção do Agrupamento/Escola)</b>	<p>10. <u>Existem iniciativas por parte da direção referentes ao tema da Violência Escolar e/ou sobre o bullying?</u>  <i>Realizam-se reuniões com alunos representantes de turma para identificação de problemas na escola; incentivo à realização de assembleias de turma; reuniões com encarregados de educação; ações de sensibilização com a Escola Segura.</i></p> <p>10.1. <u>Poderia falar-me um pouco sobre esse tipo de iniciativas?</u>  <i>As reuniões com alunos permitem identificar e debater problemas identificados na escola e apostar na sua resolução. A finalidade é envolver os alunos como parte ativa na resolução de conflitos. Sim, observa-se impacto</i></p> <p>10.2. <u>Costuma colaborar?</u>  <i>Sim.</i></p> <p>10.3. <u>São abertas à restante comunidade escolar? Se sim, de forma?</u>  <i>Sim, reuniões e ações de sensibilização para pais e alunos.</i></p> <hr/> <p>11. <u>Considera que as situações de bullying têm a devida atenção por parte da direção/órgãos de governo da escola?</u>  <i>Sim aposta-se na prevenção e sensibilização para situações de bullying. A Direção e Coordenação das escolas do Agrupamento dá a devida atenção às situações de violência em contexto escolar, sempre numa perspetiva preventiva e pedagógica.</i></p>
<b>F. Perspetiva do/a entrevistado/a</b>	<p>12. <u>Que estratégias acredita serem eficazes para prevenir e gerir os episódios de bullying? Porquê?</u>  <i>Todas as referidas anteriormente, mas essencialmente ações de prevenção e discussão sobre casos de bullying.</i></p> <hr/> <p>13. <u>Acredita que a violência escolar especificamente o bullying é um problema nesta escola? Se sim, porquê?</u>  <i>As situações ocorridas na escola são esporádicas e prontamente resolvidas com toda a ajuda técnica disponível na escola, pelo que não considero ser um problema.</i></p> <hr/> <p>14. <u>Os alunos já recorreram a si para ajudar numa situação de bullying?</u>  <i>Sim.</i></p> <p>14.1. <u>Como caracteriza as situações em causa?</u>  <i>São situações de agressões físicas como forma de resolver conflitos, agressões verbais e algumas vezes situações de cyberbullying.</i></p> <p>14.2. <u>Como procede nestas situações?</u>  <i>Aciono toda ajuda disponível na escola: psicóloga, assistente social, educadora social, diretor de turma, família.</i></p> <hr/> <p>15. <u>Já alguma vez foi contactado/a por parte da família de um aluno devido a situações de bullying?</u>  <i>Sim, tendo eu tentado ajudar na resolução do problema, quer através do diálogo quer através do encaminhamento para o Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família.</i></p>

---

15.1. Se sim, fale-me um pouco sobre o decorrer das denúncias e o procedimento de gestão?

*Tento proteger o aluno que denunciou a situação e apurar o máximo de dados sobre o que aconteceu ou está a acontecer e de que forma é possível resolver e prevenir situações futuras.*

---

**G. Conclusão da entrevista**

Agradeço a sua atenção e disponibilidade.

Se considerar necessário poderei retirar algum excerto da sua transcrição. Relembro mais uma vez que todo o processo de recolha de dados é anónimo e confidencial.

---

**Cargo: Diretor/a Agrupamento (DA)**

---

**H. Legitimação da entrevista**

Antes de mais agradeço a sua disponibilidade por participar nesta recolha de dados que possibilitará um diagnóstico da escola sobre o tema do bullying. Os objetivos associados passam pela caracterização da realidade da escola e se pertinente face aos dados, será elaborado um Projeto de Intervenção. Recordo que todos os dados recolhidos serão anónimos e confidenciais e a gravação serve meramente para a transcrição. Alguma dúvida?

---

**I. Definição do perfil do/a entrevistado/a**

1. Qual é a sua formação?

*Licenciatura em Educação e Ensino da Música e Mestrado em Gestão e Administração Escolar.*

2. Há quanto tempo exerce funções enquanto docente? E enquanto docente nesta escola?

*26 anos enquanto docente e 10 anos enquanto diretor/a*

---

**J. Perspetiva sobre a Violência Escolar, com destaque sobre o bullying**

3. Na sua perspetiva o que é a violência escolar?

*A violência escolar abrange todo o tipo de violência (física, psicológica, ...) em contexto escolar.*

4. E o bullying?

*O Bullying implica ameaças sistemáticas por parte de um agressor sobre o agredido em qualquer contexto, incluindo o meio escolar.*

5. Fale-me um pouco sobre a existência ou não de situações de bullying na escola:

*Na Escola, por vezes somos confrontados com situações que podem configurar bullying, pois como referido atrás, uma cultura de bullying pode desenvolver-se em qualquer contexto em que os humanos interajam uns com os outros. Isso inclui a escola, a família, o local de trabalho, etc.*

---

5. Enquanto coordenador/a já se confrontou com este tipo de situações aqui na escola?

*Já mas foi rapidamente sanado com a ajuda das técnicas do nosso Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família (GAAF), através de diálogos entre todas as partes envolvidas.*

---

	<p><b>6. <u>Que importância atribui à prevenção e gestão das situações de bullying?</u></b>  <i>Damos toda a importância às questões relacionadas com violência em meio escolar e bullying, através de projetos que promovem a prevenção deste tipo de situações ( . . . ) Alguns desses projetos estão relacionados com o desenvolvimento de competências socioemocionais “Devagar se Vai al Longe”, Clubes UBUNTU, - Semana da internet segura, dia escolar da não violência e da paz: realização de uma atividade alusiva ao tema, Cidadania Digital, Cibersegurança - Dinamização de sessões que fornecem informações sobre os diferentes tipos de ameaças online e qual a melhor de forma de se defenderem dessas ameaças; O melhor de mim – Mindfulness, Clube AGIR, Tutorias Sociais.</i>  <i>Temos também ações de formação para toda a comunidade alunos, pais e encarregados de educação, professores e outros trabalhadores nas escolas + Contigo, Por Ti, Cuida-te +.</i>  <i>O nosso agrupamento foi contemplado no ano letivo 2021-2022 com o Selo de Escola Sem Bullying, Escola Sem Violência.</i></p>
<p><b>6. Papel da comunidade educativa</b></p>	<p><b>7. <u>Qual considera ser o papel dos docentes na prevenção e gestão das situações de bullying? E o seu?</u></b>  <i>De Extrema importância, nomeadamente aqueles que exercem o cargo de Diretor de Turma.</i></p> <hr/> <p><b>8. <u>E da restante comunidade educativa?</u></b>  <i>Tal como os professores, os outros agentes educativos têm um papel preponderante na gestão e prevenção da violência em contexto escolar.</i></p>
<p><b>7. Papel da comunidade educativa (Direção do Agrupamento/Escola)</b></p>	<p><b>9. <u>Existem iniciativas por parte da direção referentes ao tema da Violência Escolar e/ou sobre o bullying?</u></b>  <i>Para além das referenciadas anteriormente, também promovemos reuniões periódicas com representantes dos alunos, pais e encarregados de educação; ações de sensibilização com a Escola Segura; Escola para pais e Escola Digital para Pais.</i></p> <hr/> <p><b>10. <u>Existem linhas de orientação/estratégias gerais no que diz respeito à gestão de casos de violência ou cada docente tem autonomia para gerir de acordo com a sua perspetiva?</u></b>  <i>As orientações são aquelas que se encontram expressas no regulamento Interno, em matéria de ação disciplinar dos alunos.</i></p> <hr/> <p><b>11. <u>Considera que as situações de bullying têm a devida atenção por parte da direção/órgãos de governo da escola?</u></b>  <i>A Direção e Coordenação das escolas do Agrupamento de Escolas dá a devida atenção às situações de violência em contexto escolar, sempre numa perspetiva preventiva e pedagógica.</i></p>
<p><b>8. Perspetiva do/a entrevistado/a</b></p>	<p><b>12. <u>Que estratégias acredita serem eficazes para prevenir e gerir os episódios de bullying? Porquê?</u></b>  <i>Continuarmos com ações de prevenção como aquelas que aponte nas questões anteriores. .</i></p>

---

13. Acredita que a violência escolar especificamente o bullying é um problema nesta escola? Se sim, porquê?

*Temos, por vezes, algumas situações de violência em meio escolar que são prontamente resolvidas com a ajuda de todos os agentes educativos e com as respetivas famílias. Por se tratar de situações pontuais e limitadas no tempo, não considero ser tratadas como bullying.*

---

14. Os alunos já recorreram a si para ajudar numa situação de bullying?

*Sim, tido sido prontamente resolvido com a ajuda de todos os agentes educativos e com as respetivas famílias.*

---

15. Já alguma vez foi contactado/a por parte da família de um aluno devido a situações de bullying?

*Sim, tido sido prontamente resolvido com a ajuda de todos os agentes educativos e com as respetivas famílias.*

---

**9. Conclusão da entrevista**

Agradeço a sua atenção e disponibilidade.

Se considerar necessário poderei retirar algum excerto da sua transcrição. Relembro mais uma vez que todo o processo de recolha de dados é anónimo e confidencial.

---



<b>A. Legitimação da entrevista</b>	Antes de mais agradeço a sua disponibilidade por participar nesta recolha de dados que possibilitará um diagnóstico da escola sobre o tema do bullying. Os objetivos associados passam pela caracterização da realidade da escola e se pertinente face aos dados, será elaborado um Projeto de Intervenção. Recordo que todos os dados recolhidos serão anónimos e confidenciais e a gravação serve meramente para a transcrição. Alguma dúvida?
<b>B. Definição do perfil do/a entrevistado/a</b>	<ol style="list-style-type: none"><li>1. <u>Qual é a sua formação?</u> <i>Confidencial</i></li><li>2. <u>Há quanto tempo exerce funções enquanto docente? E enquanto docente nesta escola?</u> <i>Confidencial.</i> <i>Estou na escola pelo terceiro ano consecutivo.</i></li></ol>
<b>C. Perspetiva sobre a Violência Escolar, com destaque sobre o bullying</b>	<ol style="list-style-type: none"><li>3. <u>Na sua perspetiva o que é a violência escolar? E o bullying?</u> <i>A violência escolar pode abranger situações desde a indisciplina dentro da sala de aula, com o docente ou entre alunos e outros aspetos como os ataques verbais, discriminação ou até mesmo comportamentos de violência/agressão física. O bullying pode começar também por meros comentários e terminar nos tais comportamentos de agressão física.</i></li><li>4. <u>Na sua opinião, quais são os principais fatores que levam um aluno a ser violento?</u> <i>O background de um aluno, o contexto familiar poder ser fatores predominantes na formação da personalidade mais violenta de um aluno. E nesta escola, como infelizmente em tantas outras deste país, ambas as situações acontecem com mais frequência do que o pretendido</i></li><li>5. <u>Já houve estas situações numa turma que coordenasse?</u> <i>As situações são contornadas por nós. Este ano as turmas do 8º ano tiveram sessões com um psicólogo sobre saúde mental e penso que foram muito benéficas, sobretudo na tomada de decisão e perceção da importância do pedir ajuda. Contudo, acho ainda insuficiente. São necessárias mais ações junto da comunidade escolar e junto dos alunos. O ano transato tive o caso de uma aluna cuja mãe entrou em pânico e informou que achava que a aluna sofria de bullying, através de mensagens enviadas nas redes sociais. Como dt, falei várias vezes com a EE, conseguimos o acompanhamento psicológico para a menina em questão, que se ausentou por um período de 15 dias por baixa psicológica e falei muito com a turma e com os respetivos encarregados. Mostrei filmes e recorri ao violentómetro da APAV para conseguir que percebessem a gravidade da situação. Acalmou, a menina regressou e até ao fim do ano a situação decorreu sem novas situações de agressão verbal. Nem sempre é fácil contornar e ajudar nestas situações, penso que os alunos não têm ainda grande noção do impacto das palavras malditas. Pensam que o bullying se rege apenas quando partimos para agressão.</i></li></ol>

<b>D. Papel da comunidade educativa</b>	<p>6. <u>Qual considera ser o papel dos docentes na prevenção e gestão das situações de bullying? E da Direção?</u></p> <p>7. <u>E da restante comunidade educativa?</u></p> <p><i>Os docentes são importantíssimos pois estamos muito próximos dos meninos e muito tempo por dia. Devíamos era ter mais tempo de encontros, sobretudo com a direção de turma, para promover resolução de problemas, após a sua identificação. É importância a resolução ser conjunta. No entanto, a colaboração da família é crucial. São como uma extensão da escola e, infelizmente, muitos são ausentes. A direção também é muito importante, sobretudo porque pode/deve promover junto de parceiros ações de sensibilização para esta temática.</i></p>
<b>E. Papel da comunidade educativa (Direção do Agrupamento/Escola)</b>	<p>8. <u>Existem linhas de orientação/estratégias gerais no que diz respeito à gestão de casos de violência ou cada docente tem autonomia para gerir de acordo com a sua perspetiva?</u></p> <p>9. <u>A quem cabe a responsabilidade de gerir estas situações?</u></p> <p>10. <u>Que recursos é que a escola dispõe para gerir este tipo de situações?</u></p> <p>10.1. <u>Acredita que são eficazes?</u></p> <p>11. <u>Na sua ótica deveriam existir outros recursos? Quais?</u></p> <p>12. <u>Existem iniciativas por parte da direção ou do Conselho Pedagógico referentes ao tema da Violência Escolar e/ou sobre o bullying?</u></p> <p>12.1. <u>Se sim, considera suficientes e adequadas?</u></p> <p>12.2. <u>Costuma colaborar?</u></p> <p>12.3. <u>São abertas à restante comunidade escolar? Se sim, de forma?</u></p> <p><i>Docentes têm autonomia para o fazer, embora ache que tenhamos poucas ferramentas disponíveis. Deveriam existir mais ações/workshops entre outras sessões para melhor compreendermos a abordagem nestes casos. O Docente, aquando acontece em sala de aula, é o principal mediador dos conflitos, sendo que com turmas grandes nem sempre é fácil a gestão.</i></p> <p><i>A escola deveria ter, para além do GAAF que se desdobra em mil funções, mais docentes aptos para ajudar e lidar com situações do género. Mais disponibilidade horária para a temática. Por vezes, o GAAF só não chega e o tempo que dispomos também não chega para gerir tudo isto da melhor forma. Poderia existir uma sala para onde os alunos se conseguissem dirigir para falarem com algum docente. Mais horas para professores/tutores.</i></p> <p><i>Quanto à comunidade escolar, são enviados muitos links muito úteis para que os encarregados participem e colaborem, mas a grande maioria ainda não o faz. Deveríamos chamá-los mais à escola, integrá-los mais nesta gestão.</i></p>
<b>F. Documentos de regulação institucional</b>	<p>13. <u>Que regras, do Regulamento Interno, considera mais importantes para prevenir as situações de bullying?</u></p> <p><i>O Regulamento interno expressa, claramente, os direitos e deveres dos alunos. Também contém as penalizações para os diversos tipos de comportamentos, mas acho que os alunos nunca tomam conhecimento.</i></p> <p>14. <u>Acredita que os alunos compreendem, partilham e aceitam essas regras?</u></p> <p><i>Nunca perdem tempo a ler, apesar de ser sempre recomendado por nós diretores de turma. Os EE também pouco se disponibilizam para ler, infelizmente.</i></p> <p>15. <u>Na sua perspetiva, essas regras têm impacto nas ações e no comportamento dos alunos?</u></p> <p><i>Não temos suporte física (pessoal docente e não docente) para conseguir penalizar todos os comportamentos, o que significa que muitos passam impunes e os alunos sabem disso e não têm a verdadeira noção do seu impacto.</i></p>
<b>G. Perspetiva do/a entrevistado/a</b>	<p>16. <u>Que estratégias acredita serem eficazes para prevenir e gerir os episódios de bullying? Porquê?</u></p> <p><i>As estratégias passam essencialmente por uma maior colaboração com o GAAF e com mais carga horária para professores/tutores. Ações de sensibilização junto da comunidade escolar também é de extrema importância.</i></p>

---

17. Os alunos já recorreram a si para ajudar numa situação de bullying?

*Todos os anos temos alunos que nos procuram e tentamos ajudar. Falando com os diretores de turma, os psicólogos das escolas e tentar, na grande maioria das vezes, articular com os encarregados de educação para perceber o motivo dos comportamentos manifestados.*

---

18. Já alguma vez foi contactado/a por parte da família de um aluno devido a situações de bullying?

*Por parte de um encarregado, já mencionei anteriormente. O ano transato tive uma mãe, que também ela estava descompensada e precisou de terapia, contactou-me.*

---

**H. Conclusão da entrevista**

Agradeço a sua atenção e disponibilidade.

Se considerar necessário poderei retirar algum excerto da sua transcrição. Relembro mais uma vez que todo o processo de recolha de dados é anónimo e confidencial.

---

<b>A. Legitimação da entrevista</b>	Antes de mais agradeço a sua disponibilidade por participar nesta recolha de dados que possibilitará um diagnóstico da escola sobre o tema do bullying. Os objetivos associados passam pela caracterização da realidade da escola e se pertinente face aos dados, será elaborado um Projeto de Intervenção. Recordo que todos os dados recolhidos serão anónimos e confidenciais e a gravação serve meramente para a transcrição. Alguma dúvida?
<b>B. Definição do perfil do/a entrevistado/a</b>	1. <u>Qual é a sua formação?</u> <i>Confidencial.</i>
<b>C. Perspetiva sobre a Violência Escolar, com destaque sobre o bullying</b>	2. <u>Há quanto tempo exerce funções enquanto docente? E enquanto docente nesta escola?</u> <i>Confidencial e estou aqui desde 2018/2019</i>
<b>D. Papel da comunidade educativa</b>	3. <u>Na sua perspetiva o que é a violência escolar?</u> <i>Pode ser uma agressão física, verbal, psicológica de alunos para professores, entre alunos ou professores para alunos.</i>
	4. <u>E o bullying?</u> <i>Quando há uma atitude, um comportamento, uma ação para que outra pessoa que tem um impacte negativo e continua-se a reiterar por satisfação pessoal. Pode ser uma brincadeira, mas para os outros não é.</i>
	5. <u>Na sua perspetiva, o que é um aluno violento?</u> <i>Tanto pode ser verbal como disse, psicologicamente ou fisicamente. É aquele aluno que não tem consideração ou noção do impacto. Gosta de rebaixar o máximo possível, não tem empatia.</i>
	6. <u>Na sua opinião, quais são os principais fatores que levam um aluno a ser violento?</u> <i>Pode ter uma estrutura familiar que o leve a não compreender que há limites. Poderá não ter noção do seu lugar na turma e na escola e não valorize a hierarquia e a relação com o outro.</i>
	7. <u>Tendo em conta a sua experiência aqui na escola, considera que há situações de violência?</u> <i>Sim. E o impacto passa por alunos que deixam de gostar de estar na escola e não conseguem tirar partido da escola.</i>
	8. <u>Já houve estas situações numa turma que coordenasse?</u> <i>Nunca vi pessoalmente na minha sala situações de bullying, mas já ouvi.</i>
	9. <u>Qual considera ser o papel dos docentes na prevenção e gestão das situações de bullying? E da Direção?</u> <i>O papel dos docentes é muito importante, precisamos de estar alerta, temos de tentar perceber a dinâmica entre eles e verificar a gravidade e se é reiterada. O papel da direção é não aceitar situações destas.</i>
	10. <u>E da restante comunidade educativa?</u> <i>Os funcionários têm um papel preponderante, muitas vezes temos conhecimento através delas. Muitas vezes os alunos desabafam com elas e eles conseguem perceber que há problemas e alertam os professores. O papel dos pais, tentar perceber o que se passa e apoiar a escola para que o educando não continue o comportamento, se for os pais das vítimas devem denunciar e pedir para protegerem o educando.</i>
	11. <u>Existem linhas de orientação/estratégias gerais no que diz respeito à gestão de casos de violência ou cada docente tem autonomia para gerir de acordo com a sua perspetiva?</u>

<b>E. Papel da comunidade educativa (Direção do Agrupamento/Escola)</b>	<i>Penso que temos autonomia total. Há um documento que diz o que devemos fazer em caso de indisciplina, mas não temos orientações precisas quanto ao bullying.</i>
	12. <u>A quem cabe a responsabilidade de gerir estas situações?</u> <i>Aos professores.</i>
	13. <u>Que recursos é que a escola dispõe para gerir este tipo de situações?</u> <i>Desconheço. Mas se acontecesse algo falaria com a psicóloga, com a direção e com os alunos.</i>
	14. <u>Na sua ótica deveriam existir outros recursos? Quais?</u> <i>Não sei. Mas se calhar poderíamos ter sessões para falar sobre o tema e dar orientações como identificar as situações e o que fazer. Não seria a ajuda mas uma ajuda.</i>
	15. <u>Existem iniciativas por parte da direção ou do Conselho Pedagógico referentes ao tema da Violência Escolar e/ou sobre o bullying?</u> <i>Sei que existe alguns programas e atividades sobre o bullying para os alunos, filmes, debates...</i>
<b>F. Documentos de regulação institucional</b>	16. <u>Que regras, do Regulamento Interno, considera mais importantes para prevenir as situações de bullying?</u> <i>São aquelas que ponho na minha sala, respeito... quando não há marco uma falta disciplinar.</i>
	17. <u>Acredita que os alunos compreendem, partilham e aceitam essas regras?</u> <i>Não sei até que ponto eles conhecem.</i>
<b>G. Perspetiva do/a entrevistado/a</b>	18. <u>Que estratégias acredita serem eficazes para prevenir e gerir os episódios de bullying? Porquê?</u> <i>Trabalhar as diferenças que há em sala de aula.</i>
	19. <u>Já alguma vez foi contactado/a por parte da família de um aluno devido a situações de bullying?</u> <i>Nunca fui contactada.</i>
<b>H. Conclusão da entrevista</b>	<u>Agradeço a sua atenção e disponibilidade.</u> <u>Se considerar necessário poderei retirar algum excerto da sua transcrição. Relembro mais uma vez que todo o processo de recolha de dados é anónimo e confidencial.</u>

Cargo: DT 3

**A. Legitimação da entrevista**

Antes de mais agradeço a sua disponibilidade por participar nesta recolha de dados que possibilitará um diagnóstico da escola sobre o tema do bullying. Os objetivos associados passam pela caracterização da realidade da escola e se pertinente face aos dados, será elaborado

	<p><b>um Projeto de Intervenção. Recordo que todos os dados recolhidos serão anónimos e confidenciais e a gravação serve meramente para a transcrição. Alguma dúvida?</b></p>
<b>B. Definição do perfil do/a entrevistado/a</b>	<p>1. <u>Qual é a sua formação?</u> <i>Confidencial</i></p> <p>2. <u>Há quanto tempo exerce funções enquanto docente? E enquanto docente nesta escola?</u> <i>Confidencial e fui entrando e saindo desta escola várias vezes. Agora estou lá desde 2015.</i></p>
<b>C. Perspetiva sobre a Violência Escolar, com destaque sobre o bullying</b>	<p>3. <u>Na sua perspetiva o que é a violência escolar?</u> <i>Nem sei onde começam as coisas, por vezes são tão parvinhas. O que me preocupa mais é a violência nas redes sociais que se estende ao resto da família, mas por mais que avisemos os pais as coisas caem em saco roto.</i></p> <p>4. <u>E o bullying?</u> <i>Ataques diretos, indiretos, eu acho que isto está cada vez pior em todos os dias. É algo reiterado, algo que fazem constantemente e conscientemente.</i></p> <p>5. <u>Na sua perspetiva, o que é um aluno violento?</u> <i>Um aluno violento é alguém que não aceita nada sobre ele.</i></p> <p>6. <u>Tendo em conta a sua experiência aqui na escola, considera que há situações de violência?</u> <i>Bastante, está a tornar-se pior.</i></p> <p>6.1. <u>Se sim, que preditores acredita que existem? Qual é o impacto nos alunos? Se não existir, porquê?</u> <i>Basta o professor chamar atenção para a forma como um aluno está sentado. Acho que já está dentro deles. O impacto é mau claro.</i></p> <p>6.2. <u>Se sim, considera que as situações têm um pequeno ou elevado grau de gravidade?</u> <i>Eu acho que vai aumentando porque já há dentro das salas de aula.</i></p> <p>6.3. <u>Se sim, as situações de violência têm vindo a agravar-se ou a diminuir?</u> <i>A agravar muito.</i></p> <p>7. <u>Já houve estas situações numa turma que coordenasse?</u></p> <p>7.1. <u>Se sim, como reagiu a tais situações?</u> <i>Pessoalmente, enquanto professor sou muito explosivo. Sou tolerante até certo ponto.</i></p> <p>7.2. <u>Essas situações foram alvo de uma discussão/reflexão entre os docentes no sentido de se tomarem medidas?</u> <i>Não. É necessário um acumular de participações para um aluno ser colocado fora da escola, mas por vezes acontece o aluno concretizar tarefas extra.</i></p> <p>7.3. <u>Na sua perspetiva, os casos tiveram uma resolução?</u> <i>Sim mas não são duradoras.</i></p> <p>8. <u>Que importância atribui à prevenção e gestão de situações de bullying?</u> <i>Bastante. Eles têm de saber estar em grupo mesmo que não gostem.</i></p>
<b>D. Papel da comunidade educativa</b>	<p>9. <u>Qual considera ser o papel dos docentes na prevenção e gestão das situações de bullying? E da Direção?</u> <i>No conselho de turma são decididas as regras de sala de aula. Neste momento a direção está muito bem, geralmente dão uma reprimenda e conseguem saber o que se passou.</i></p>

	<p>10. <u>E da restante comunidade educativa?</u> <i>Em relação à família, eles não querem saber.</i></p>
<b>E. Papel da comunidade educativa (Direção do Agrupamento/Escola)</b>	<p>11. <u>Existem linhas de orientação/estratégias gerais no que diz respeito à gestão de casos de violência ou cada docente tem autonomia para gerir de acordo com a sua perspetiva?</u> <i>Há autonomia, sim. Nós temos indicações para quando o comportamento não é adequado, por exemplo escrever as regras que não cumpriu 5 vezes, tirar os intervalos, para não chegar à parte de o enviar para casa.</i></p> <p>12. <u>A quem cabe a responsabilidade de gerir estas situações?</u> <i>Primeiro o Diretor de turma.</i></p> <p>13. <u>Que recursos é que a escola dispõe para gerir este tipo de situações?</u> <i>Antes tínhamos o Gabinete apoio ao Aluno. Agora temos o projeto devagar se vai ao longe. Temos uma educadora social e uma assistente social mas não está a funcionar porque os meninos chegam lá como se não tivessem nada.</i></p> <p>13.1. <u>Acredita que são eficazes?</u> <i>Não sei, a minha Direção de turma não teve direito.</i></p> <p>14. <u>Na sua ótica deveriam existir outros recursos? Quais?</u> <i>O gabinete é uma mais-valia porque os pais são logo informados. Acho que devia haver uma equipa, alguém que trabalhasse com eles.</i></p>
<b>F. Documentos de regulação institucional</b>	<p>15. <u>Que regras, do Regulamento Interno, considera mais importantes para prevenir as situações de bullying?</u> <i>As regras estão definidas pelo ministério e no regulamento interno.</i></p> <p>16. <u>Acredita que os alunos compreendem, partilham e aceitam essas regras?</u> <i>Não porque não leem. Antes trabalhava isto em cidadania. Os alunos nem sempre aceitam estas regras, testam o professor.</i></p> <p>17. <u>Na sua perspetiva, essas regras têm impacto nas ações e no comportamento dos alunos?</u> <i>Não.</i></p>
<b>G. Perspetiva do/a entrevistado/a</b>	<p>18. <u>Que estratégias acredita serem eficazes para prevenir e gerir os episódios de bullying? Porquê?</u> <i>Há uns anos tivemos um diretor e uma das coisas que ele fazia era passar uma nota de alunos suspensos e na minha ótica isto criava um impacto enorme nos alunos.</i></p> <p>19. <u>Os alunos já recorreram a si para ajudar numa situação de bullying?</u> <i>Sim. Várias vezes.</i></p> <p>20. <u>Já alguma vez foi contactado/a por parte da família de um aluno devido a situações de bullying?</u> <i>Sim.</i></p> <p>20.1. <u>Se sim, fale-me um pouco sobre o decorrer das denúncias e o procedimento de gestão?</u> <i>A escola não age, se for em relação ao whatsapp os pais devem ir à psp. Se forem coisas feitas na escola, tomamos as providências.</i></p>
<b>H. Conclusão da entrevista</b>	<p><u>Agradeço a sua atenção e disponibilidade.</u> <u>Se considerar necessário poderei retirar algum excerto da sua transcrição. Relembro mais uma vez que todo o processo de recolha de dados é anónimo e confidencial.</u></p>

<b>A. Legitimação da entrevista</b>	<b>Antes de mais agradeço a sua disponibilidade por participar nesta recolha de dados que possibilitará um diagnóstico da escola sobre o tema do bullying. Os objetivos associados passam pela caracterização da realidade da escola e se pertinente face aos dados, será elaborado um Projeto de Intervenção. Recordo que todos os dados recolhidos serão anónimos e confidenciais e a gravação serve meramente para a transcrição. Alguma dúvida?</b>
<b>B. Definição do perfil do/a entrevistado/a</b>	<p>1. <u>Qual é a sua formação?</u> <i>Confidencial.</i></p> <p>2. <u>Há quanto tempo exerce funções enquanto docente? E enquanto docente nesta escola?</u> <i>Confidencial. Aqui no agrupamento é o segundo ano.</i></p>
<b>C. Perspetiva sobre a Violência Escolar, com destaque sobre o bullying</b>	<p>3. <u>Na sua perspetiva o que é a violência escolar?</u> <i>Depende do critério que tenhamos em conta. Eu acho que há violência passiva, na piada, no comentário mais do que há violência física, apesar de haver claro episódios.</i></p> <p>4. <u>E o bullying?</u> <i>Também. O comentário maldoso, a crítica... acaba por ser um tipo de violência continuada.</i></p> <p>5. <u>Na sua perspetiva, o que é um aluno violento?</u> <i>Não sendo físico, eu acho que pode ser violento se por exemplo estiver constantemente a apontar o que os outros não fazem bem.</i></p> <p>6. <u>Na sua opinião, quais são os principais fatores que levam um aluno a ser violento?</u> 6.1. <u>Se sim, que preditores acredita que existam? Qual é o impacto nos alunos? Se não existir, porquê?</u> <i>Não sei se há, não sei como caracterizar. Eu acho que há uma necessidade de ser aceite pelos outros. Através do processo de se impor não se colocam no lugar do outro e não sabem como o outro vai reagir. O não se preocupar com a forma como o outro vai receber está muito naturalizado.</i></p> <p>7. <u>Tendo em conta a sua experiência aqui na escola, considera que há situações de violência?</u> <i>Sim.</i> 7.1. <u>Se sim, considera que as situações têm um pequeno ou elevado grau de gravidade?</u> <i>No global um grau baixo poderá haver uma ou outra com maior grau de gravidade.</i></p> <p>8. <u>Já houve estas situações numa turma que coordenasse?</u> <i>Sim, em termos do comentário.</i> 8.1. <u>Se sim, como reagiu a tais situações?</u> <i>A preocupação é desmontar o conceito que têm para fazer alguns comentários. Faço-os ver que a sua perspetiva não é única.</i> 8.2. <u>Essas situações foram alvo de uma discussão/reflexão entre os docentes no sentido de se tomarem medidas?</u> <i>Não de uma forma direta. O que temos é estipulado em conselho de turma um conjunto de regras em sala de aula.</i> 8.3. <u>Na sua perspetiva, os casos tiveram uma resolução?</u> <i>Normalmente os alunos aceitam bem e parece-me que ficam a pensar um pouco naquilo.</i></p>
<b>D. Papel da comunidade educativa</b>	<p>9. <u>Qual considera ser o papel dos docentes na prevenção e gestão das situações de bullying? E da direção?</u> <i>Eu acho que é a primeira linha de atuação em termos de uma observação atenta aos sinais e às situações que ocorrem. O papel do professor é detetar as situações e informar o Diretor de Turma.</i> <i>A nível da direção o papel é responsabilização de forma uniforme. Uma ação coordenada e comum a todos os envolvidos.</i></p>



	<p>10. <u>E da restante comunidade educativa?</u>  <i>Em relação às famílias, o papel é importante através da conversa com os filhos.  As Assistentes Operacionais têm uma relação próxima com os alunos e observam outras dinâmicas entre os alunos.</i></p>
<b>E. Papel da comunidade educativa (Direção do Agrupamento/Escola)</b>	<p>11. <u>Existem linhas de orientação/estratégias gerais no que diz respeito à gestão de casos de violência ou cada docente tem autonomia para gerir de acordo com a sua perspetiva?</u>  <i>Há linhas gerais de estratégia e atuação. Nas primeiras reuniões ficam definidas e depois ajustámos às realidades. Eu senti o apoio da coordenação na gestão de alguns problemas que existiram.</i></p> <p>12. <u>A quem cabe a responsabilidade de gerir estas situações?</u>  <i>Em termos de sala de aula o primeiro é o professor, mas normalmente levamos ao conselho de turma e se necessário vai subindo na hierarquia.</i></p> <p>13. <u>Que recursos é que a escola dispõe para gerir este tipo de situações?</u>  <i>Tem recursos como estratégias, medidas disciplinares. A coordenação da escola está sempre muito disponível. Também temos as medidas corretivas do Regulamento Interno.</i></p> <p>13.1. <u>Acredita que são eficazes?</u></p> <p>14. <u>Na sua ótica deveriam existir outros recursos? Quais?</u>  <i>O Gabinete do Aluno, um espaço para encaminhar os alunos.</i></p> <p>15. <u>Existem iniciativas por parte da direção ou do Conselho Pedagógico referentes ao tema da Violência Escolar e/ou sobre o bullying?</u>  <i>Sim, temos muita informação sobre ações e atividades em que os alunos possam ser incluídos.</i></p> <p>15.1. <u>Se sim, considera suficientes e adequadas?</u></p> <p>15.2. <u>Costuma colaborar?</u>  <i>Sim, a minha turma sim, de acordo com as possibilidades de horário.</i></p> <p>15.3. <u>São abertas à restante comunidade escolar? Se sim, de forma?</u>  <i>Algumas sim.</i></p>
<b>F. Documentos de regulação institucional</b>	<p>16. <u>Que regras, do Regulamento Interno, considera mais importantes para prevenir as situações de bullying?</u>  <i>Eu costumo ir ver o que se pode enquadrar.</i></p> <p>17. <u>Acredita que os alunos compreendem, partilham e aceitam essas regras?</u>  <i>Alguns direitos e deveres conhecem, eu mostrei-lhes e alguns até tiveram de copiar. Eu acho que a questão não é ter direitos e deveres, eu acho que eles consideram que não é uniforme para todos e depois a coisa torna-se complicada.</i></p>
<b>G. Perspetiva do/a entrevistado/a</b>	<p>18. <u>Que estratégias acredita serem eficazes para prevenir e gerir os episódios de bullying? Porquê?</u>  <i>Tento perceber o porquê daquele aluno repetir aqueles comentários.</i></p> <p>19. <u>Os alunos já recorreram a si para ajudar numa situação de bullying?</u>  <i>Já, eu considero bullying mas eles não.</i></p> <p>19.1. <u>Se sim, com que frequência?</u>  <i>Não é recorrente.</i></p> <p>20. <u>Já alguma vez foi contactado/a por parte da família de um aluno devido a situações de bullying?</u>  <i>Não.</i></p>

<b>H. Conclusão da entrevista</b>	<u>Agradeço a sua atenção e disponibilidade.</u> <u>Se considerar necessário poderei retirar algum excerto da sua transcrição. Relembro mais uma vez que todo o processo de recolha de dados é anónimo e confidencial.</u>
-----------------------------------	---

Cargo: DT 5

<b>A. Legitimação da entrevista</b>	<b>Antes de mais agradeço a sua disponibilidade por participar nesta recolha de dados que possibilitará um diagnóstico da escola sobre o tema do bullying. Os objetivos associados passam pela caracterização da realidade da escola e se pertinente face aos dados, será elaborado um Projeto de Intervenção. Recordo que todos os dados recolhidos serão anónimos e confidenciais e a gravação serve meramente para a transcrição. Alguma dúvida?</b>
<b>B. Definição do perfil do/a entrevistado/a</b>	<p>1. <u>Qual é a sua formação?</u> <i>Confidencial</i></p> <p>2. <u>Há quanto tempo exerce funções enquanto docente? E enquanto docente nesta escola?</u> <i>Confidencial e aqui no agrupamento é o meu 4.º ano.</i></p>
<b>C. Perspetiva sobre a Violência Escolar, com destaque sobre o bullying</b>	<p>3. <u>Na sua perspetiva o que é a violência escolar?</u> <i>Há dois tipos: físico e psicológico e ambas coexistem nas escolas. Aqui na escola também e ambas causam grandes perturbações. Tem sido cada vez mais visível a violência.</i></p> <p>4. <u>E o bullying?</u> <i>O bullying é uma forma de violência exercida entre pares.</i></p> <p>5. <u>Na sua perspetiva, o que é um aluno violento?</u> <i>Exerce alguma autoridade, influência, pressão sobre os outros.</i></p> <p>6. <u>Na sua opinião, quais são os principais fatores que levam um aluno a ser violento?</u> <i>O meio familiar, os mais violentos são normalmente provenientes de famílias desestruturadas.</i></p> <p>7. <u>Tendo em conta a sua experiência aqui na escola, considera que há situações de violência?</u> <i>Muitas.</i></p> <p>7.1. <u>Se sim, que preditores acredita que existem? Qual é o impacto nos alunos? Se não existir, porquê?</u> <i>Um impacto bastante negativo, muitas vezes não querem vir para a escola ou precisam de mudar de turma ou de escola.</i></p> <p>7.2. <u>Se sim, considera que as situações têm um pequeno ou elevado grau de gravidade?</u> <i>Elevado grau.</i></p> <p>7.3. <u>Se sim, as situações de violência têm vindo a agravar-se ou a diminuir?</u> <i>Agravar-se.</i></p> <p>8. <u>Já houve estas situações numa turma que coordenasse?</u> <i>Sim, já assisti.</i></p> <p>8.1. <u>Se sim, como reagiu a tais situações?</u> <i>Chamando a atenção dependendo das situações, outras reportei aos familiares e à direção.</i></p> <p>8.2. <u>Essas situações foram alvo de uma discussão/reflexão entre os docentes no sentido de se tomarem medidas?</u></p>

	<p><i>Sim, vamos falando, a escola está atenta.</i></p> <p>8.3. <u>Na sua perspectiva, os casos tiveram uma resolução?</u> <i>Nem todos, há casos mais difíceis.</i></p>
	<p>9. <u>Que importância atribui à prevenção e gestão de situações de bullying?</u> <i>É muito importante, devemos atuar sempre antes de acontecer algo. Há alguns projetos cá na escola.</i></p>
<b>D. Papel da comunidade educativa</b>	<p>10. <u>Qual considera ser o papel dos docentes na prevenção e gestão das situações de bullying? E da Direção?</u> <i>A coordenação tem uma grande responsabilidade, tentar encontrar e dinamizar estratégias, medidas, projetos que promovam a prevenção. Na nossa escola há através do GAFF com o projeto devagar se vai ao longe. Quando as coisas acontecem a escola tenta apoiar mas é necessária a presença da família e muitas vezes não estão presentes.</i> <i>O papel dos docentes é mais curricular e neste caso muitas vezes temos de nos afastar para gerir estas situações.</i></p> <p>11. <u>E da restante comunidade educativa?</u> <i>A família é quem deve proporcionar a maior mudança e ser o exemplo.</i></p>
<b>E. Papel da comunidade educativa (Direção do Agrupamento/Escola)</b>	<p>12. <u>A quem cabe a responsabilidade de gerir estas situações?</u> <i>Atualmente cabe ao diretor de turma junto da coordenação e eu acho que idealmente deveriam passar para uma equipa libertando mais os professores.</i></p> <p>13. <u>Que recursos é que a escola dispõe para gerir este tipo de situações?</u> <i>Coordenação e o GAFF.</i></p> <p>13.1. <u>Acredita que são eficazes?</u> <i>Faz falta mais alguma coisa. Antes tínhamos o Gabinete do Aluno</i></p> <p>14. <u>Na sua ótica deveriam existir outros recursos? Quais?</u> <i>Equipa reforçada principalmente psicólogos.</i></p> <p>15. <u>Existem iniciativas por parte da direção ou do Conselho Pedagógico referentes ao tema da Violência Escolar e/ou sobre o bullying?</u> <i>Sim vários projetos, com a psp e outras estruturas da zona.</i></p> <p>15.1. <u>São abertas à restante comunidade escolar? Se sim, de forma?</u> <i>Devagar se vai ao longe é dirigido aos alunos, funciona em turma. É um projeto importante, no momento os alunos conseguem perceber mas depois na rua os comportamentos não mudam.</i></p>
<b>F. Documentos de regulação institucional</b>	<p>16. <u>Que regras, do Regulamento Interno, considera mais importantes para prevenir as situações de bullying?</u> <i>No RI estão expressos os direitos e deveres.</i></p> <p>17. <u>Acredita que os alunos compreendem, partilham e aceitam essas regras?</u> <i>Compreendem sim, mas depois não aplicam.</i></p> <p>18. <u>Na sua perspectiva, essas regras têm impacto nas ações e no comportamento dos alunos?</u> <i>Não porque se verificam constrangimentos na mesma.</i></p>
<b>G. Perspetiva do/a entrevistado/a</b>	<p>19. <u>Que estratégias acredita serem eficazes para prevenir e gerir os episódios de bullying? Porquê?</u> <i>O trabalho direto com as famílias, apoio mais individualizado.</i></p>

---

20. Os alunos já recorreram a si para ajudar numa situação de bullying?

*Sim.*

20.1. Se sim, com que frequência?

*Algumas, mas sem generalizar.*

20.2. Como caracteriza as situações em causa?

*Físico e psicológico em particular.*

---

21. Já alguma vez foi contactado/a por parte da família de um aluno devido a situações de bullying?

*Sim.*

21.1. Se sim, fale-me um pouco sobre o decorrer das denúncias e o procedimento de gestão?

*Tentei perceber o que aconteceu e falei com a coordenação.*

---

**H. Conclusão da entrevista**

Agradeço a sua atenção e disponibilidade.

Se considerar necessário poderei retirar algum excerto da sua transcrição. Relembro mais uma vez que todo o processo de recolha de dados é anónimo e confidencial.

---

## Anexo C – Análise categorial das entrevistas

<u>Categoria</u>	<u>Subcategoria</u>	<u>Indicadores</u>	<u>Unidades de registo</u>	<u>Frequência absoluta</u>
<b>Perceção sobre violência escolar</b>	<u>Violência Escolar</u>	Violência física, psicológica e verbal	<p><i>“abrange todo o tipo de violência (física, psicológica, ...) em contexto escolar” (DA)</i></p> <p><i>“abrange todo o tipo de violência física, psicológica e verbal” (CE)</i></p> <p><i>“Pode ser uma agressão física, verbal, psicológica de alunos para professores, entre alunos ou professores para alunos.” (DT 2)</i></p> <p><i>“Eu acho que há violência passiva, na piada, no comentário mais do que há violência física, apesar de haver claro episódios.” (DT4)</i></p> <p><i>“Há dois tipos: físico e psicológico e ambas coexistem nas escolas.” (DT5)</i></p>	5
		Cyberbullying	<i>“O que me preocupa mais é a violência nas redes sociais” (DT3)</i>	1
	Indisciplina	<i>“pode abranger situações desde a indisciplina dentro da sala de aula, com o docente ou entre alunos e outros aspetos como os ataques verbais, discriminação ou até mesmo comportamentos de violência/agressão física” (DT1)</i>	1	
	<u>Bullying</u>	Ações (e ataques) repetidos de um agressor sob uma vítima	<p><i>“O Bullying implica ameaças repetidas e constantes por parte de um agressor sobre o agredido” (CE)</i></p> <p><i>“ameaças sistemáticas” (DA)</i></p> <p><i>“continua-se a reiterar por satisfação pessoal” (DT2)</i></p> <p><i>“Ataques diretos, indiretos, eu acho que isto está cada vez pior em todos os dias. É algo reiterado, algo que fazem constantemente e conscientemente.” (DT3)</i></p> <p><i>“O comentário maldoso, a crítica... acaba por ser um tipo de violência continuada” (DT4)</i></p> <p><i>“O bullying é uma forma de violência exercida entre pares.” (DT6)</i></p>	6

<b>Violência na escola em análise</b>		Reflete-se num impacto negativo	<i>“uma ação para que outra pessoa que tem um impacto negativo” (DT2)</i>	1
	<u>Bullying no meio escolar</u>	Há presença de bullying	<i>“situações que podem configurar bullying, cada vez são mais frequentes situações de cyberbullying ( . . . ) As situações ocorridas na escola são esporádicas” (CE) “Já mas foi rapidamente sanado” (DA) “Sim. E o impacto passa por alunos que deixam de gostar de estar na escola e não conseguem tirar partido da escola” (DT2) “Bastante, está a tornar-se pior. ( ...) a gravidade vai aumentando” (DT3) “Há sim” (DT4) “ [Há] muitas. Um impacto bastante negativo, muitas vezes não querem vir para a escola ou precisam de mudar de turma ou de escola” (DT6)</i>	5
	<u>Preditores das situações</u>	Ausência de competência de resolução de conflitos	<i>“A dificuldade de alguns alunos resolverem os seus conflitos sem recorrer à violência física ou verbal.” (CE)</i>	1
		Contexto familiar	<i>“O background de um aluno, o contexto familiar” (DT1) “uma estrutura familiar que o leve a não compreender que há limites” (DT2) “O meio familiar, os mais violentos são normalmente provenientes de famílias desestruturadas” (DT6)</i>	3
		Personalidade	<i>“Acho que já está dentro deles” (DT3) “. Eu acho que há uma necessidade de ser aceite pelos outros” (DT4)</i>	2
	<u>Grau de gravidade das situações</u>	Pequeno	<i>“pequeno” (CE) “No global um grau baixo poderá haver uma ou outra com maior grau de gravidade.” (DT4)</i>	2
		Elevado	<i>“Bastante, está a tornar-se pior. ( ...) a gravidade vai aumentando (...) a agravar muito” (DT3) a gravidade vai aumentando (...) a agravar muito” (DT3) “Elevado grau.” (DT6)</i>	3
	<u>Atuação de resolução por</u>	Escuta ativa e diálogo	<i>“Tentei sempre a via do diálogo e ouvir todas as partes envolvidas” (CE)</i>	1

<b>Prevenção e gestão de situações de bullying</b>	<u>parte da equipa educativa</u>	Chamadas de atenção	<i>“Chamando a atenção dependendo das situações” (DT6)</i>	1
		Resolução das situações	<i>“não são duradoras.” (DT3)</i> <i>“Normalmente os alunos aceitam bem e parece-me que ficam a pensar um pouco naquilo.” (DT4)</i> <i>“Nem todos, há casos mais difíceis.” (DT6)</i>	3
	<u>Importância de prevenir e gerir</u>	Atenção sobre o assunto	<i>“a máxima importância (...) tentando resolver de imediato” (CE)</i> <i>“Damos toda a importância às questões relacionadas com violência em meio escolar e bullying, através de projetos” (DA)</i> <i>“Bastante. Eles têm de saber estar em grupo mesmo que não gostem.” (DT3)</i> <i>“É muito importante, devemos atuar sempre antes de acontecer algo” (DT6)</i>	4
		Orientações nos documentos reguladores para os professores	<i>“As orientações são aquelas que se encontram expressas no regulamento Interno” (DA)</i> <i>“Há linhas gerais de estratégia e atuação” (DT4)</i>	2
	<u>Linhas de orientação</u>	Orientações no Regulamento Interno para os alunos	<i>“O Regulamento interno expressa, claramente, os direitos e deveres dos alunos ( . . . ) os alunos nunca perdem tempo a ler” (DT1)</i> <i>“Não sei até que ponto eles conhecem.” (DT2)</i> <i>“As regras estão definidas pelo ministério e no regulamento interno (...) Não porque não leem” (DT3)</i> <i>“Eu acho que a questão não é ter direitos e deveres, eu acho que eles consideram que não é uniforme para todos e depois a coisa torna-se complicada.” (DT4)</i> <i>“No RI estão expressos os direitos e deveres. Compreendem sim, mas depois não aplicam.” (DT6)</i>	5
		Autonomia dos docentes para gerir	<i>“Docentes têm autonomia para o fazer, embora ache que tenhamos poucas ferramentas disponíveis” (DT1)</i> <i>“Penso que temos autonomia total” (DT2)</i> <i>“Há autonomia, sim.” (DT3)</i>	3
		Ausência de orientações	<i>“mas não temos orientações precisas quanto ao bullying.” (DT2)</i>	1

<u>Estratégias/ recursos a adotar</u>	GAAF	<p>“maior colaboração com o GAAF e com mais carga horária para professores/tutores” (DT1)</p> <p>“O Gabinete do Aluno, um espaço para encaminhar os alunos.” (DT4)</p> <p>“Equipa reforçada principalmente psicólogos.” (DT6)</p>	3
	Trabalho em sala de aula	“Acho que devia haver uma equipa, alguém que trabalhasse com eles.” (DT3)	1
	Trabalho com as famílias	“O trabalho direto com as famílias, apoio mais individualizado.” (DT6)	1
<u>Recursos disponíveis</u>	GAAF	<p>“o GAAF só não chega” (DT1)</p> <p>“Antes tínhamos o Gabinete apoio ao Aluno” (DT3)</p> <p>“Coordenação e o GAAF” (DT6)</p>	3
	Projetos	<p>“Trabalhamos também em estreita articulação com a Escola Segura. prevenção através de projetos relacionados com o desenvolvimento de competências socioemocionais(“Devagar se Vai ao Longe”; Clubes UBUNTU; - Semana da internet segura; Dia escolar da não violência e da paz: Cidadania Digital: Cibersegurança - Dinamização de sessões que fornecem informações sobre os diferentes tipos de ameaças online e qual a melhor de forma de se defenderem dessas ameaças;” (CE)</p> <p>“Projeto devagar se vai ao longe” (DT3)</p> <p>“Sim, temos muita informação sobre ações e atividades em que os alunos possam ser incluídos.” (DT4)</p>	3
	Medidas	“medidas disciplinares e corretivas” (DT4)	1
	Desconhecimento de existência de recursos	“Desconheço.” (DT2)	1
	Ações	<p>“intervenção mais imediata” (CE)</p> <p>“responsabilização de forma uniforme” (DT4)</p> <p>“A coordenação tem uma grande responsabilidade, tentar encontrar e dinamizar estratégias, medidas, projetos” (DT6)</p>	3
<u>Direção e coordenação</u>	<p>“reuniões com alunos representantes e turma ( . . . ) assembleias de turma ( . . . ) reuniões com Encarregados de Educação ( . . . ) Escola Segura” (CE)</p>	2	



<b>Papel da comunidade educativa</b>		Iniciativas e projetos	<i>“A direção também é muito importante, sobretudo porque pode/deve promover junto de parceiros ações de sensibilização para esta temática” (DT1)</i>	
	<u>Docentes</u>	Papel de relevo na identificação e gestão	<i>“Todos são importantes” (CE)</i> <i>“Extrema importância ( . . . ) Diretores de turma” (DA)</i> <i>“Os docentes são importantíssimos” (DT1)</i> <i>“O papel do professor é detetar as situações e informar o Diretor de Turma.” (DT4)</i>	2
		Papel de identificação	<i>“é muito importante, precisamos de estar alerta, temos de tentar perceber a dinâmica entre eles e verificar a gravidade” (DT2)</i>	1
		Função pedagógico-curricular	<i>“O papel dos docentes é mais curricular e neste caso muitas vezes temos de nos afastar para gerir estas situações.” (DT6)</i>	1
	<u>Famílias</u>	Identificação das situações apoiando a escola	<i>“Todos são importantes” (CE)</i> <i>“tentar perceber o que se passa e apoiar a escola para que o educando não continue o comportamento, se for os pais das vítimas devem denunciar e pedir para protegerem o educando” (DT2)</i>	2
		Trabalho em casa	<i>“o papel é importante através da conversa com os filhos.” (DT4)</i> <i>“A família é quem deve proporcionar a maior mudança e ser o exemplo.” (DT6)</i>	2
	<u>Assistentes operacionais</u>	Identificação de situações	<i>“Todos são importantes” (CE)</i> <i>“os outros agentes educativos têm um papel preponderante” (DA)</i> <i>“Os funcionários têm um papel preponderante, muitas vezes temos conhecimento através delas” (DT2)</i> <i>“Assistentes Operacionais têm uma relação próxima com os alunos e observam outras dinâmicas entre os alunos” (DT4)</i>	4
	Contacto através do aluno	Caracterização	<i>“agressões físicas como forma de resolver conflitos, agressões verbais” (CE)</i> <i>“Já, eu considero bullying mas eles não.” (DT4)</i> <i>“Físico e psicológico” (DT6)</i>	3

<b>Denúncia de situações</b>	Contacto através das famílias	Atuação	<i>“Aciono toda ajuda disponível na escola” (CE)</i>	1
		Caracterização e atuação	<i>“diálogo quer através do encaminhamento para o Gabinete de Apoio ao Aluno” (DA) “O ano transato tive uma mãe, que também ela estava descompensada e precisou de terapia, contactou-me.” (DT1) “A escola não age, se for em relação ao whatsapp os pais devem ir à psp. Se forem coisas feitas na escola, tomamos as providências.” (DT3) “Sim, Tentei perceber o que aconteceu e falei com a coordenação.” (DT6)</i>	4

